

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A INFLUÊNCIA DO USO DE FASCICULOS NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E
METODOLOGIA DE ENSINO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO LICEU Nº 379,
MUNICÍPIO DO DANDE- BENGÔ, I SEMESTRE DO ANO LECTIVO 2024-2025

Autor: Alberto João Pedro

Orientador: Waldano Heler Natxari Wanga, Msc.

LUANDA, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A INFLUÊNCIA DO USO DE FASCÍCULOS NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E
METODOLOGIA DE ENSINO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO LICEU Nº 379,
MUNICÍPIO DO DANDE- BENGÓ, I SEMESTRE DO ANO LECTIVO 2024-2025

Trabalho do Fim do Curso apresentado ao Instituto Superior de
Angola (ISA), como requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do professor
Waldano Heler Natxari Wanga, Msc.

Autor: Alberto João Pedro

Orientador: Waldano Heler Natxari Wanga, Msc.

LUANDA, 2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

A INFLUÊNCIA DO USO DE FASCICULOS NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E
METODOLOGIA DE ENSINO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO LICEU Nº 379,
MUNICÍPIO DO DANDE- BENGÔ, I SEMESTRE DO ANO LECTIVO 2024-2025

O JURI

Presidente _____

1ª vogal _____

2ª vogal _____

Secretário _____

Classificação _____

Data _____

EPÍGRAFE

" A leitura do mundo precede a leitura da palavra"

(Paulo Freire, 1982)

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos e esposa pelo amor carinho que têm por mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a DEUS todo poderoso pela força, coragem e as divinas bênçãos que me tem concedido, sem os quais a minha formação não teria sido culminado.

Aos meus irmãos, meu pai João Pedro Manuel, minha mãe Rosa Pedro que contribuíram directamente para a minha formação.

Ao meu orientador professor Waldano Heler Natxari Wanga pela força, orientação e paciência que demonstrou ao longo desta pesquisa.

A todos os Professores do instituto superior de Angola (ISA) que sempre demonstraram responsabilidade e paciência ao transmitirem os ricos conhecimentos.

Ao Instituto Superior de Angola (ISA) pela formação onde foi possível aprender de forma sistemática.

Ao Director do Liceu nº 379, senhor Damião João, professores, alunos muito obrigado colaboração.

A todos colegas e amigos Guiomar dos Santos, Vanda Kamuenho, Mupinga Teixeira muito obrigado.

RESUMO

Este estudo investigou a influência do uso de fascículos e das metodologias de ensino na aprendizagem dos alunos de Filosofia do Liceu nº 379, Município do Dande – Bengo, durante o I semestre do ano letivo 2024-2025. Adotando uma abordagem quali-quantitativa e descritiva, com métodos histórico e estatístico, a pesquisa buscou compreender como os fascículos e as estratégias pedagógicas associadas impactam o desempenho discente. Foram formuladas três hipóteses principais: (1) o fascículo é o principal recurso didático utilizado pelos professores; (2) seu uso otimiza o tempo e facilita a aprendizagem; e (3) o formato físico é o mais predominante entre os estudantes. Os resultados indicaram que 66,7% dos docentes adotam o fascículo como principal material de apoio, enquanto 33,3% utilizam apenas o quadro, sem recorrer a livros. Entre os alunos, 100% confirmaram o uso do fascículo em versão física, sendo que 67% relataram seu emprego frequente pelos professores, e 33% mencionaram ocasionais versões digitais. Quanto às metodologias, observou-se uma divisão: professores que não usam fascículo tendem ao ditado seguido de explicação oral, enquanto os que o adotam combinam leitura e discussão colaborativa com os alunos. Na percepção discente, 64,4% consideram que a metodologia adotada facilita a compreensão dos conteúdos, contra 35,6% que discordam. Além disso, 67% dos professores relataram maior participação dos alunos nas aulas com fascículo, evidenciando seu papel na promoção da interatividade. Conclui-se que o fascículo, especialmente em formato físico, configura-se como um recurso pedagógico essencial no contexto analisado, contribuindo positivamente tanto para as estratégias de ensino quanto para a aprendizagem em Filosofia.

Palavras- chave: Fascículo, Metodologia, Filosofia, Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

This study investigated the influence of using booklets (*fascículos*) and teaching methodologies on the learning of Philosophy students at Liceu No. 379, in the Municipality of Dande – Bengo, during the first semester of the 2024-2025 academic year. Adopting a qualitative-quantitative and descriptive approach, along with historical and statistical methods, the research sought to understand how booklets and associated pedagogical strategies impact student performance. Three main hypotheses were formulated: (1) the booklet is the primary teaching resource used by teachers; (2) its use optimizes time and facilitates learning; and (3) the physical format is the most prevalent among students. The results indicated that 66.7% of teachers use booklets as their main support material, while 33.3% rely solely on the blackboard, without using books. Among students, 100% confirmed using physical booklets, with 67% reporting frequent use by teachers and 33% mentioning occasional digital versions. Regarding methodologies, a division was observed: teachers who do not use booklets tend to employ dictation followed by oral explanation, while those who do combine reading and collaborative discussion with students. From the students' perspective, 64.4% believe the adopted methodology facilitates content comprehension, while 35.6% disagree. Additionally, 67% of teachers reported greater student participation in classes using booklets, highlighting their role in promoting interactivity. It is concluded that booklets, particularly in physical format, constitute an essential pedagogical resource in the studied context, positively contributing to both teaching strategies and learning in Philosophy.

Keywords: Booklet, Methodology, Philosophy, Teaching and Learning.

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍGLAS

A.A – Avaliação de Aprendizagem

MED: Ministério da educação

P.A-Processo de Aprendizagem

p.-página

ISA- Instituto Superior de Angola

Nº- Número

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Contacto com a disciplina de filosofia.....	32
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 População e Amostra da Pesquisa	38
Tabela 2 Caracterização da amostra por género	40
Tabela 3 Distribuição da amostra por idade	41
Tabela 4 Tempo de serviço da amostra dos professores.....	42
Tabela 5 Cararcterização da amostra por Nivel de formação	42
Tabela 6 Principal recurso usado em sala de aula para o ensino	43
Tabela 7 Modalidade do recurso utilizado pelo professor	44
Tabela 8 Principal metodologia adotada pelo professor.....	45
Tabela 9 Percpeção dos professores sobre a participação dos alunos nas aulas com o uso do fasciculo.....	46
Tabela 10 Tipo de fascículo utilizado pelos alunos	47
Tabela 11 Percepção dos alunos sobre o tipo fascículo mais usado pelos professores.....	47
Tabela 12 Facilidade de aprendizagem com a metodologia adoptada pelos profesoress	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Caracterização da amostra por género.....	40
Gráfico 2 Distribuição da amostra por idade	41
Gráfico 3 Tempo de serviço da amostra dos professores	42
Gráfico 4 Cararcterização da amostra por Nivel de formação.....	42
Gráfico 5 Principal recurso usado em sala de aula para o ensino.....	43
Gráfico 6 Modalidade do recurso utilizado pelo professor	44
Gráfico 7 Principal metodologia adotada pelo professor	45
Gráfico 8 Percpeção dos professores sobre a participação dos alunos nas aulas com o uso do fasciculo.....	46
Gráfico 9 Percepção dos alunos sobre o formato do fascículo mais usado pelos professores.....	47
Graáfico 10 Facilidade de aprendizagem com a metodologia adoptada pelos professores.....	48

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
1.1. Definições de termos e conceitos	4
1.1.1. Fascículo.....	4
1.1.2. Metodologia	4
1.1.3. Ensino	5
1.1.4. Filosofia.....	5
1.1.5. Aprendizagem.....	5
1.2. Uso de Fascículos.....	6
1.2.1. Uso de Fascículo nas escolas	7
1.2.2. Elaboração do Fascículo didático	7
1.2.3. Tipos de Fascículos	9
1.2.4. Vantagens da utilização de Fascículo.....	9
1.2.5. Desvantagens na Utilização de Fascículos.....	10
1.2.6. Articulação dos livros Didáticos e os Professores	10
1.2.7. Utilização do fascículo na aprendizagem dos Alunos	13
1.3. O Ensino de Filosofia em Angola.....	13
1.3.1. Prolegómenos sobre o ensino da filosofia antes da independência (1919-1974)	13
1.3.2. Descrição da natureza e da problemática do estudo e ensino da filosofia na época pós-colonial (1977-1992).	14
1.3.3. História e origem da filosofia.....	15
1.3.4. O ensino de filosofia e a criação de conceitos.....	16
1.3.5. O processo de ensino-aprendizagem na Filosofia.....	17
1.3.6. O ensino da Filosofia numa lógica da aprendizagem	18
1.4. Metodologia de ensino.....	20

1.4.1. O ensino da filosofia e suas perspectivas metodológicas	20
1.5. Metodologias de ensino na aula de filosofia	24
1.5.1. Métodos Do Mundo Antigo	24
1.5.1.1. O método de Sócrates: A maiêutica	24
1.5.1.2. O método de Zenão	24
1.5.1.3. O método de Aristóteles	25
1.5.2. Métodos do Mundo Moderno	25
1.5.2.1. O método indutivo	25
1.5.3. Métodos Contemporâneos.....	26
1.5.3.1. O método existencial	26
1.5.3.2. O método analítico	27
1.5.3.3. Método regressivo	27
1.5.3.4. Método de Cinema.....	28
1.5.4. Estratégias metodológicas em sala de aulas de filosofia no ensino médio..	29
1.6. A Importância do ensino da filosofia para os dias actuais	29
1.6.1. Importância da uma educação para os valores: o alcance formativo no ensino de Filosofia.....	30
1.7. O Ensino de Filosofia na Contemporaneidade	31
1.8. O Ensino de filofia no sistemas de ensino Angolano.	32
CAPITULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	35
2.1 Tipo de Pesquisa	35
2.2. Modelo de Abordagens.....	35
2.3. Níveis de estruturação de métodos	36
2.4. Técnica de recolha de dados.....	36
2.5. Instrumentos e procedimentos de recolhas de dados	37
2.4. População e Amostra.....	38
2.4.1. População.....	38

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	40
3.1. Caracterização da amostra.....	40
3.2. Os professores e o uso do fasciculo em sala de aula	43
3.3. Percepção dos alunos sobre o uso do fascículo	47
CONCLUSÕES	49
SUGESTÕES	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, Angola tem enfrentado uma crise econômica que impacta diretamente a capacidade das famílias de arcar com os custos educacionais de seus filhos. Paralelamente, as escolas enfrentam dificuldades para fornecer materiais didáticos adequados aos alunos, o que exige dos professores a busca por alternativas para garantir a transmissão eficaz do conhecimento.

Nesse contexto, Libâneo (2013, p. 67) ressalta que o professor "é aquele guia que tem autoridade para guiar", sendo responsável por orientar, abrir perspectivas a partir dos conteúdos e experiências vividas, propor métodos de estudo e estimular o esforço e a participação dos alunos. Assim, além de comprometimento e atitude crítica diante de sua prática pedagógica, o professor precisa ter um bom preparo, domínio do conteúdo e conhecer estratégias eficazes para sua transmissão.

Com o advento da imprensa, os livros passaram a ser produzidos em larga escala, consolidando-se como um dos principais recursos didáticos. No entanto, os custos do ensino, incluindo a aquisição de materiais, representam um desafio tanto para as famílias quanto para as instituições de ensino. Nesse sentido, a seleção dos materiais didáticos torna-se uma decisão estratégica dos professores, que buscam alternativas acessíveis e eficazes.

O fascículo surge como um recurso didático facilitador, beneficiando tanto docentes quanto estudantes. Ele funciona como um material de apoio ao professor, sem, contudo, substituir outros métodos e estratégias pedagógicas. A metodologia de ensino, por sua vez, deve contemplar roteiros que considerem diferentes abordagens didáticas, permitindo que o aluno se aproprie dos conhecimentos de forma eficaz e contextualizada.

Dessa forma, considerando a importância da adequação dos métodos de ensino à realidade dos estudantes, o presente estudo investiga o uso do fascículo como um recurso didático de síntese de conteúdo para os alunos. A partir dessa problemática, formula-se a seguinte questão de pesquisa:

Qual é a influência do uso do fascículo na aprendizagem dos alunos e na metodologia de ensino do professor de Filosofia no Liceu nº 379, município do Dande-Bengo, no primeiro semestre do ano letivo 2024-2025?

Hipóteses

Podemos considerar a hipótese como um enunciado geral de relações entre variável (factos, fenómenos) (Castilho, 2014).

H1- O fascículo é o principal recurso utilizado em sala de aula pelos professores;

H2- O uso de fascículo permite o melhor aproveitamento de tempo para explicar e ajuda os alunos a compreender e praticar os conteúdos;

H3- O fascículo no formato físico é o mais utilizado pelos alunos do ensino secundário na aula de Filosofia.

Objectivos

Segundo Castilho (2014, p.37) "considera os objetivos como aquilo que serão estudados e investigados para soluções de problemas da pesquisa".

De acordo com a nossa problemática, formulou-se os seguintes objectivos:

Geral:

- Analisar a influência do uso de fascículo e metodologia de ensino na disciplina de Filosofia na aprendizagem dos alunos no liceu nº 379.

Específicos:

- Identificar o principal recurso didáctico textuais utilizado em sala de aulas e metodologia de ensino na disciplina de Filosofia.
- Identificar o formato do recurso didáctico textuais utilizado pelo professor de Filosofia no Liceu nº 379, município do Dande-Bengo.
- Classificar as estratégias metodológicas de ensino com fascículo na disciplina de Filosofia.
- Sugerir estratégias e técnicas pedagógicas que facilitam o uso de fascículo.

Delimitação e Limitação

- Delimitação: o nosso estudo foi delimitado aos professores da disciplina de Filosofia.
- Limitação: o estudo limitou-se no Liceu nº 379, município do Dande, província do Bengo decorreu no 1º semestre do ano lectivo 2024-2025.

Justificativa

O que nos levou a debruçar sobre este tema foi pelo facto de percebermos a importância dos métodos de ensino e aplicação na sua prática na forma de como se usa os materiais didácticos em especialidade fascículo (sabenta ou apostila). O processo de ensino e aprendizagem é muito complexo na medida que cada profissional de educação usa as estratégias para o desenvolvimento cognitivo, afectivo e psicomotor do estudante, logo, compreender a importância do fascículo será de grande valia para a educação e especificamente aos professor-aluno do Liceu 379.

Relativamente, a sociedade académica e geral acreditou que o tema contribuirá bastante para a melhoria do agente da sala de aulas e aos futuros docentes, O professor é um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento intelectual dos indivíduos dentro de uma determinada sociedade, nesta ordem de ideia achamos por bem trazer um estudo que venha ajudar os professores a entenderem mais acerca das estratégias que visam formar indivíduos com capacidade de servi a sociedade e o país.

Extrutura do trabalho

O trabalho está extruturado em 3 capitulos sendo o 1º introdutorio em que se apresenta a pergunta de partida, as hipoteses e os objectivos da pesquisa.

O segundo capitulo destinou-se a definição dos principais conceitos da pesquisa e a revisão da produção científica sobre o assunto.

No terceiro capitulo apresenta-se e analisasse os resultaos da pesquisa com os professores e alunos osbre o uso do fasciculo, as conclusões e sugestões do estudo.

I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições de termos e conceitos

1.1.1. Fascículo

Segundo Rocha (2019), *o fascículo "refere-se a uma ferramenta educacional valiosa que facilita o processo de aprendizagem, oferecendo um material didáctico organizado e específico para o estudo de diversos temas".*

Em Angola, utiliza-se o termo "fascículo", enquanto em Portugal é comum o uso de "sabenta" e, no Brasil, "apostila".

Para Camacho e Tavares (2013, p. 98), *"o fascículo é um conjunto de conteúdos organizados e específicos, criado para facilitar a aprendizagem do estudante".*

Machado (2013) define ainda o fascículo como *"um conjunto de anotações ou material didáctico, geralmente organizado em formato de caderno ou livro, estruturado para auxiliar no estudo de uma determinada disciplina".*

O Fascículo é um recurso pedagógico composto por anotações de conteúdos, que serve de apoio ao processo de ensino e aprendizagem.

1.1.2. Metodologia

Segundo Brandão (2016), metodologia é o estudo dos métodos, ou seja, o estudo dos caminhos para se atingir um determinado fim.

Eurico (2019, p. 25) define que *"os métodos referem-se aos meios para alcançar os objectivos gerais e específicos do ensino, isto é, ao 'como' do processo de ensino, englobando as acções a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objectivos".*

De acordo com Enrique (2018), metodologia pode ser definida como *"o conjunto de processos para alcançar os objectivos do trabalho".*

Complementando estas definições, metodologia consiste no modo pelo qual se realizam os objectivos preconizados.

1.1.3. Ensino

Valentim (2013, p. 13) define que "o termo ensino provém do latim *in-signum*, que significa 'marcar interiormente', sendo compreendido como o meio pelo qual ocorre a instrução e a educação escolar".

Segundo Marques (2015, p. 42), o ensino é o "processo pelo qual o professor transmite ao aluno o legado cultural em qualquer ramo do saber, estando associado à transmissão do conhecimento já constituído".

Libâneo (2013, p. 24) complementa esta definição, afirmando que "o ensino corresponde às ações, meios e condições para realização da instrução".

Sintetizando, o ensino consiste numa atividade sistematicamente organizada pelo professor, que através de métodos e estratégias pedagógicas orienta a aquisição de conhecimentos pelos alunos.

1.1.4. Filosofia

(Deleuze e Guattari 2013, p. 13) afirmam que "filosofia é conhecimento por puros conceitos." E, ao interrogar-se acerca do sentido da sua própria vida.

Feinberg (2013, p.1) diz que, a "Filosofia é uma actividade racional, com em argumentos e na crítica das evidências". Ainda Feinberg (2013, p. 1) acrescenta dizendo, o significado da palavra Filosofia é derivado de dois vocábulos gregos que tem o sentido de "amando a sabedoria" este era o conceito que estava na mente dos primeiros filósofos, logo o papel primário da filosofia é moral, virtude e ética.

Assim, a Filosofia é conjunto de conhecimentos racional com finalidade de moral, atitude, ética e virtude.

1.1.5. Aprendizagem

Almeida (2023, p. 7) afirma que "a aprendizagem é a aquisição de conhecimentos, de forma científica ou não".

Menezes (2019, p. 20) complementa essa definição, destacando que a aprendizagem "não é um estado, mas um processo no qual intervêm inúmeros factores, entre os quais a reflexão pedagógica, centrada nos casos de concorrência endógena ou em situações identificadas".

Segundo Tiba (2002, citado por Almeida, 2023, p. 7), a aprendizagem consiste numa "aquisição de comportamentos através das relações entre ambiente e comportamento, ocorridas numa história de contingências, estabelecendo uma relação funcional entre ambiente e comportamento".

Desta feita, aprendizagem pode ser definida como o processo de adquirir ou modificar conhecimentos, competências, habilidades, comportamentos, valores e atitudes.

1.2. Uso de Fascículos

Os alunos da atualidade dispõem de diversos recursos didáticos que ultrapassam o uso exclusivo do livro físico, incluindo sites, aplicativos, livros digitais, tutoriais e apostilas (digitais ou físicas), entre outros. No entanto, o material didático tradicional – especialmente livros e apostilas – continua sendo um dos principais recursos utilizados pelos professores no planejamento diário de aulas e, para muitos alunos, permanece como uma das fontes primárias de pesquisa e estudo (Santos et al., 2007, p. 112).

Atualmente, é comum encontrar diversos cursos preparatórios para exames vestibulares que utilizam fascículos com conteúdos objetivos e esquematizados, focadas especificamente nas exigências dessas provas (Fonseca & Vilela, 2013).

Como observa Gasparello (2006, p. 3), "a tendência de vermos a escola como lugar de tradição e de uma quase imutabilidade de longa duração não permite que se observe com mais clareza a mudança". Esta reflexão aplica-se à evolução dos materiais didáticos, onde se verifica o crescente uso de apostilas tanto em escolas públicas quanto particulares.

A origem das apostilas contemporâneas remonta à Reforma Educacional. No passado, eram designadas como "Cadernos do Estado", que consistiam essencialmente em fascículos organizados por disciplina (Fonseca & Vilela, 2013). Segundo estes autores, a popularização das apostilas deveu-se principalmente à demanda por materiais didáticos mais objetivos e acessíveis aos alunos.

Complementando esta perspectiva, Santos et al. (2007) destacam que a economia capitalista favoreceu a massificação do ensino, criando consequentemente a necessidade de materiais didáticos mais estruturados e objetivos, particularmente para preparar os alunos para testes e exames padronizados.

1.2.1. Uso de Fascículo nas escolas

De acordo Gasparello (2006) uso de material didático impresso no ensino originou-se no início do século XIX, então veio a produção do texto impresso, resumos e apostilas. Neste período, as apostilas eram produzidas de maneira manuscrita pelos professores e posteriormente impressa para garantir uma maior “longevidade”. Sendo que o processo de fabricação do material didático incluía a junção de vários textos de autores diferentes.

Pelo fato dos professores pesquisarem vários autores para fazer compilações, iniciou-se o “processo de criação e invenção de saberes e práticas escolares” e desde então, uma nova pedagogia foi aderida ao ensino para os alunos do ensino médio, como resultado deste esforço também vieram as divisões das “disciplinas escolares” e a “especialização dos professores”. (Gasparello, 2006).

Desta forma, podemos perceber que os educadores que valorizam o processo de aprendizagem do aluno, procuram ser um facilitador no processo de aprendizagem e irão se preocupar com a construção do conhecimento, além de estar continuamente procurando melhorias (Gasparello, 2006).

1.2.2. Elaboração do Fascículo didático

Ao elaborar um fascículo didático, é importante conhecer as etapas a serem seguidas para que o trabalho seja coerente com o objetivo a ser alcançado. Assim como as metodologias existentes que servem como base ideológica para construção do material didático (Falkembach, 2005).

A metodologia consiste em um agrupamento de técnicas, ferramentas, melhores práticas para a elaboração de um projeto consistente. Caso o projeto não

tenha parâmetros de desenvolvimento, pode não atingir os objetivos propostos (Falkembach, 2005).

O processo de desenvolvimento do material geralmente tem a seguinte estrutura:

- Determinar os objetivos do processo de ensino aprendizagem por meio do material didático. Nos objetivos iniciais é importante ter em mente qual o público alvo e como este público pode ser auxiliado no processo de ensino aprendizagem.
- Pesquisar e filtrar os materiais instrucionais já existentes para ter uma base do que é comum e o que forma os materiais já existentes foram trabalhados. Desta forma, uma nova proposta de material pode ser melhorada em comparação ao que já foi realizado por outros autores.
- Avaliar o aluno de modo a criar um perfil do conhecimento já existente. Para que o material em questão não seja maçante descrevendo detalhes desnecessários ao aluno tornando o conteúdo pouco relevante.
- Produzir material adequado a as necessidades do aluno. O professor precisa estar constantemente analisando as dificuldades e necessidades dos alunos para que possa contribuir mais e melhor fornecendo exatamente com o que o aluno necessita.
- Identificar como será o acesso ao conteúdo didático. E como este conteúdo irá se desdobrar de modo coerente.
- Ao fornecer o novo material didático, é interessante acompanhar o progresso dos alunos e a partir desta premissa renovar e atualizar o conteúdo.
- Outro ponto importante é a avaliação do processo de aprendizagem. Para verificar se o material está cumprindo com os objetivos para os quais foram criados. A partir disso podem ser gerados relatórios para termos uma visão quantitativa do conhecimento (Lucena, et al. 2013).

Ao elaborar uma apostila didática ou material educativo para o aluno é interessante ter além do conteúdo, uma simulação de como trabalhar com os dados (Falkembach, 2005).

Outro ponto a ressaltar é que para alcançar tais etapas listadas acima é necessário que o professor conheça o público que irá ler o material e nada melhor que

o próprio professor da instituição ou um grupo elaborem a apostila. Um dos grandes incentivos no treinamento independente é a necessidade de encontrar formas de aprendizagem de modo rápido e eficiente (Lucena, et al. 2013).

1.2.3. Tipos de Fascículos

Segundo Bunzen (2001), existem diversos tipos de apostilas que foram classificadas da seguinte maneira:

- Apostila fabricada na própria escola por apenas um docente;
- Apostila elaborada por um grupo de professores da mesma área de atuação e na mesma instituição;
- Apostila criada por sistemas de ensino integrados, que distribuem o material em todo o país;
- Apostilas que são junção de cópias de partes de livros, elaboradas sem a permissão das editoras.

Neste mesmo estudo, foi observado que as apostilas elaboradas por sistemas de ensino tem maior adesão nas escolas já que a escola recebe uma bonificação pela venda do material didático. Esta pesquisa foi realizada em escolas do Ensino Médio. Porém, a apostila será útil somente se tiver objetivos claros no processo de elaboração e que esses objetivos sejam trabalhados de modo a suprir as necessidades dos alunos.

1.2.4. Vantagens da utilização de Fascículo

O surgimento da educação a distância adicionou uma nova forma de aprendizagem que favoreceu “a disseminação e a democratização do acesso à educação” o que fez com o acesso à educação fosse ampliado. Através da simulação da educação presencial (Almeida, 2003),.

Tanto dos fascículos impressos quanto as apostilas online permitem ao aluno transporta-la ou até mesmo acessa-la em lugares bastante remotos e os alunos podem adentrar em um “ambiente digital de aprendizagem”, que servirá como base

para a aprendizagem. Com isso o aluno tem a oportunidade de desenvolver outras possibilidades de aprendizagem independente.

Outra vantagem sobre o uso de material digital é o fácil compartilhamento das informações, por exemplo, uma apostila em língua portuguesa pode ser utilizada por qualquer país que faça uso desta mesma língua (Tarouco; Fabre; Tamusiu- Nas, 2013).

Segundo Willians e Tollett (2009) O material digital também pode ser mais facilmente atualizado ,a tipografia na web possibilita a rápida atualização de informações e com custo zero.

1.2.5. Desvantagens na Utilização de Fascículos

Normalmente os fascículos resultam de um resumo feito pelo professor, com isto, o aluno que estuda com base no fascículo não tem acesso a muito do conteúdo disponível no livro, tal como ilustrações, exercícios, exemplos e outros conteúdos que o professor decidiu deixar de lado.

Esta lacuna de acesso a informação, resulta necessariamente no acesso limitado ao conhecimento.

Por outro lado, devido ao seu baixo custo muitos alunos não os conservam devidamente, chegando muitas vezes a cortar pedaços da mesma para fazer cabula, ou ainda a usar o verso das folhas para fazer rabiscos.

1.2.6. Articulação dos livros Didáticos e os Professores

As análises dos materiais didáticos revelaram que o livro didático possui uma apresentação e tratamento de conteúdos diferenciados, tal como problemas que exigem raciocínio e exemplos de situações cotidianas; as apostilas são estruturadas privilegiando a mecanização e a memorização, fatores presentes nos exames, utilizando de quadros de destaque e exercícios de aplicação de fórmulas matemáticas, além de exercícios retirados dos exames (Fonseca; Vilela, 2013, p. 3).

Conforme (Fonseca e Vilela, 2014) é possível perceber que a apostila didática é extremamente objetiva e por ser sucinta todo o seu conteúdo é relevante para o aluno memorizar. No entanto em um outro estudo realizado.

Os livros e os fascículos didáticos possuem “ideologias diferentes”. Devido ao fato de que os livros tratam de focar o conteúdo a algo mais contextualizado, enquanto que as apostilas apresentam um conteúdo mais técnico sem demonstrar algo útil para o dia a dia.

O professor que prepara um material didático precisa ter a consciência dos objetivos a serem atingidos através do estudo do material elaborado e como será absorvida pelos discentes, para que o material seja apresentado de modo organizado e coerente. Além do mais, o aluno pode ter dúvidas, então é importante que uma opção de ajuda seja inserida junto ao material disponibilizado.

Segundo (Gasparello, 2006) algumas formas de fazer isso seriam:

- O professor da disciplina acompanhar o estudo da apostila com os alunos;
- disponibilizar um contato na apostila para tirar as dúvidas dos alunos;
- oferecer algum tipo de esclarecimento de dúvidas por meio de video-conferência;
- proporcionar ao aluno a oportunidade de questionamento do conteúdo e sugestão de melhoria do material apostilado.

Afinal, ao criar material educativo, o docente estará construindo e organizando o conhecimento que irá moldar um grupo de pessoas que influenciarão a outros.

Ao articular os livros didáticos e os professores/autores pode percebê-los como instituidores de pedagogias e autoconstrutores de um grupo socioprofissional, no pressuposto de que os referenciais pedagógicos e as contribuições da experiência docente podem ser encontrados nestes materiais didáticos, que, sendo suportes e veículos de ideologia e de cultura, são expressões de criações pedagógicas inscritas no seu tempo. (Gasparello, 2006, p.7).

O material didático depende de quem o elabora. A apostila pode não atingir os objetivos de aprendizagem, caso os objetivos não sejam claros e o docente não esteja comprometido com oferecer um ensino de qualidade. Mas é importante deixar o aluno ciente de que estuda com a apostila de modo independente, a

aprendizagem ocorrerá através da “leitura e interpretação” dos materiais didáticos oferecidos (Almeida, 2003).

Tendo que criar simulações da informação. Caso a instituição opte por aderir a um material apostilado já elaborado por uma empresa terceirizada é interessante verificar a consistência das informações. Santos et al. (2007), demonstrou que as apostilas, se comparadas com livros podem apresentar erros “conceituais”, de “revisão” e “ilustração”.

Bunzen (2001) afirma que “as decisões para escolha do material didático devem ser feitas pelo docente”. Conforme o Dicionário Aurélio o significado de apostila é:

- texto que acrescenta um documento;
- nota ou apontamento à margem de um livro ou escrito;
- livro em que se reúnem essas notas ou apontamentos;
- folha ou conjunto de folhas que contém o resumo da lição.

Então podemos perceber que a apostila tem seu papel como um material auxiliar que irá apoiar a algo que estará melhor estruturado. Outro ponto destacado na pesquisa realizada por Amorim (2008) é que:

o que nota-se é que por um lado existem escolas interessadas em comprar uma grife educacional, para poder realizar um marketing eficaz e do outro lado estão os proprietários de sistemas de ensino que descobriram na venda do próprio material didático um caminho lucrativo para expansão de seus negócios. Vemos, portanto, que a caracterização da relação sistemas apostilados/escolas franqueadas é eminentemente mercantil (Amorim, 2008, p. 43).

Não é incomum hoje vermos colegas de trabalhos mais interessados em obter ganho financeiro do que no processo de formar alunos capacitados para os desafios da profissão. Isso pode ser um risco para a educação já que muitas escolas adquirem material didático apenas com foco em obter lucros.

Também existe o risco do aluno apenas reproduzir algo pronto, sem fazer questionamentos sobre o que está escrito nas apostilas. Então, caso o aluno se depare com algo um pouco diferente no dia a dia pode ter dificuldades para resolução do problema, já que não possui um conhecimento sólido do ensino, ou seja, o aluno tem o conhecimento apenas superficial, não prático. Porque não aprendeu a ter

perspectivas diferentes referente ao problema em questão. Portanto cabe ao educador criar situações em que o aluno.

1.2.7. Utilização do fascículo na aprendizagem dos Alunos

Segundo (Chiquetto, 2013) Afirma que, o fascículo é um material didático que poder ser utilizado para auxiliar na aquisição de conteúdos programados. O fascículo pode ser utilizado na aprendizagem dos alunos, das seguintes formas:

- Poder ser utilizado para apresentar conteúdo de forma organizado, divida em unidade;
- Pode ser utilizado para estimular a reflexão dos alunos sobre determinados assuntos;
- Pode ser utilizado para gerar questionamentos que levam os alunos a refletir sobre o conteúdo apresentado.

1.3. O Ensino de Filosofia em Angola

1.3.1. Prolegómenos sobre o ensino da filosofia antes da independência (1919-1974)

Segundo (Bastos, 2024) Nos primórdios da colonização não se verificou, de acordo com estudos efectuados, a existência de um ensino que promovesse a “racionalidade angolana” e que contrariasse “a política ultramarina” discriminatória e autoritária imposta pelas autoridades portuguesas. Aqui, não estamos a negar a evolução da situação da educação e do ensino em Angola, pois sabemos que o mesmo sofreu mutações durante os tempos. Mas, podemos afirmar, que com a implementação do ensino promovido pela Igreja Católica, não excluindo os Liceus, já que começou a processar-se gradativamente e bastante selectivo a introdução de alguns elementos filosóficos na grelha curricular de determinadas áreas ou ramos do saber.

As transformações ou mutações sociais verificadas em Angola na década 90 do século XX, criaram as condições necessárias para a prossecução das ciências sociais e humanas, em que se destaca a construção de um novo paradigma de educação e ensino. Esse paradigma possibilitou que se efetuassem reformas no

ensino da Filosofia, entendida como um processo permanente, sistemático e rigoroso.

Nesta altura o ensino da Filosofia, desenvolveu-se nos anos precedentes da independência a par da introdução e prossecução das aulas de latim e OPAN, que em nossa opinião contribuía para o domínio do que denomino “racionalidade colonial” (Thomé, 2000).

Estamos em meados do século XX em que se verificou a presença da reprodução do axioma “filosofia serve da teologia”, reforçando-se o ensino missionário com “o seu peso medieval e com o seu escolasticismo maniqueísta filosófico”, também fazia-se sentir esse peso no ensino liceal assente na visão tomista-aristotélica, que abordou de forma sistemática o campo da filosofia (Thomé, 2000).

A Filosofia servia para justificar a situação reinante de pura dominação, opressão e exploração que vitimava o poder angolano.

O período que antecede ao processo de descolonização foi próprio a tomada de consciência do povo, que se inscreve na luta pela concretização da liberdade e autodeterminação, fruto da “revolução de abril de 1974”. Esta última fase da colonização portuguesa, possibilitou a criação de premissas para a divulgação de “teorias revolucionárias”, passando a deixar-se de lado, as influências do pensamento filosófico ocidental, como por exemplo, aristotelismo, o tomismo, a filosofia existencialista, acrescentando-se outras correntes e escolas do pensamento filosófico, político e social (Bastos, 2024).

1.3.2. Descrição da natureza e da problemática do estudo e ensino da filosofia na época pós-colonial (1977-1992).

Segundo (Bastos, 2024) a ruptura com a herança colonial, exigia que se efectuassem mudanças radicais na esfera da economia política, da ideologia e da cultura. Estas mudanças permitiram a adopção de um programa educacional e de ensino, assente nos princípios seguintes:

- A liquidação da cultura e educação colonial;
- Combate vigoroso e rápido ao analfabetismo em todo o país;

- A instrução pública será da competência do estado e estará sob sua orientação directa, em que se incluem o espírito democrático e laico da educação e ensino e o desenvolvimento integral e universal da personalidade.

Ainda para o Bastos (2024) Na época pós-colonial, verifica-se a ruptura com o paradigma dominante na esfera da educação e ensino com a adopção do Marxismo-leninismo enquanto “ideologia oficial” do “Estado democrático e popular”. A principal força matriz foi a luta complexa e árdua do MPLA ao marxismo-leninismo, levando em consideração duas etapas:

A 1ª etapa: Já sob condições do colonialismo surgem ideias, teorias e concepções sobre o movimento de libertação nacional. Nesta etapa a ideologia marxista foi esporadicamente divulgada de forma rudimentar no seio dos portadores do movimento de libertação, principalmente a intelectualidade. Esta ideologia foi apropriada em simbiose com o pensamento revolucionário e democrático da época.

A 2ª etapa: Nesta etapa, que compreendia o período 1976-1990, em que o processo de apropriação do marxismo-leninismo, adquire uma nova realidade.

1.3.3. História e origem da filosofia

A filosofia surgiu na Grécia Antiga com Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes com intuito de pensar e explicar o mundo de forma lógica e racional como o todo, visto que antes a origem das coisas era explicada através da mitologia. A filosofia não só investiga o principio das coisas como também as relações humanas tais como: a ética e a moral (Carvalho & Cornelli, 2013).

Filosofia é uma palavra de origem grega (píhlos = amigo; so- phia = sabedoria) e em seu sentido estrito designa um tipo de especulação que se originou e atingiu o apogeu entre os antigos gregos, e que teve continuidade com os povos culturalmente dominados por eles: grosso modo, os povos ocidentais. É claro que, atualmente, nada impede que em qualquer parte do mundo se possa fazer especulação à moda grega, isto é a Filosofia (Carvalho & Cornelli, 2013).

A grande importância da Filosofia é que nos impulsiona a desvendar os mistérios da nossa existência, e compreender o porquê e a razão principal para as coisas existentes, impulsiona o indivíduo a pensar por si só, a nos reconhecer

enquanto sujeito crítico, a refletir sobre as situações do dia a dia e nos permite indagar as seguintes questões: Quem somos nós em quanto sujeito? De onde viemos? Para onde vamos?

Segundo Hora & Santos (2014, p.10). “A filosofia nos ajuda a sair do senso comum, coloca no homem o desejo pela busca do conhecimento e liberta o indivíduo dos agrilhoes da ignorância possibilitando um caminhar para a sabedoria”. A Filosofia é um saber que está em constante movimento.

1.3.4. O ensino de filosofia e a criação de conceitos

Por trás da prática pedagógica de cada professor de filosofia tem uma concepção de filosofia que norteia e fundamenta tal prática. Segundo Trindade (2021, p.39). A fundamentação teórica que dá suporte para a nossa proposta metodológica de ensino de filosofia a partir das imagens do livro didático se encontra na concepção filosófica.

Concepção filosófica e de ensino de filosofia como criação de conceito, inspirado no pensamento de Deleuze e Guattari foi desenvolvida no Brasil, por Silvio Gallo, na sua obra “Metodologia do ensino de filosofia: é uma didática para o ensino médio (2012), na qual defende uma aula de filosofia como uma prática ativa e criativa e apresenta uma proposta pedagógica a qual chamou de pedagogia do conceito, direcionada ao ensino médio” (Trindade, 2021 p.39).

Gallo (2012) indica dois caminhos possíveis para o ensino de filosofia no ensino médio aos quais chamou de pensamento conceitual. O primeiro trata de pensar e construir uma prática pedagógica diferente da transmissão direta de conteúdo, ou conhecimento enciclopédico da filosofia, adotando outra prática capaz de fazer da aula uma oficina de conceitos. O autor pensa a oficina de conceitos como uma transposição para a prática pedagógica da concepção da filosofia como criação de conceitos.

Ainda (Gallo, 2012, p. 69) condena, no ensino de filosofia, a adoção do método tradicional de exposição dos conteúdos, denominando-o de “reconhecimento”, à medida que, por ele, o aluno é levado a pensar o já pensado. Segundo o autor, a lógica da explicação, que parte de uma solução já dada é “antifilosófica” e “enciclopédica”. Recorrendo a Nietzsche, Gallo afirma que nesse sistema tradicional os alunos até podem decorar, em razão de provas e avaliações, uma série de sistemas filosóficos, os princípios doutrinários de cada uma delas, os filósofos que as edificaram e como refutá-las, mas depois esquecem tudo. E a isso chamou de “desprezo pela filosofia:” pois o aluno decora para passar no exame e esquecer em seguida.

O mesmo autor Propõe que a filosofia seja, na escola, o lugar da experimentação do sentimento de ignorância, que se coloca na contramão da lógica explicadora. E como o problema é o motor da experiência filosófica de pensamento, o autor sugere quatro momentos didáticos para a organização das aulas para o ensino médio: sensibilização, problematização, investigação e conceituação, em cujos momentos os estudantes fariam suas próprias experiências do pensamento e poderiam criar e recriar conceitos filosóficos.

1.3.5. O processo de ensino-aprendizagem na Filosofia

Candau (1987) citado por Madlai (2013, p.45) Considerar que o processo de ensino-aprendizagem é caracterizado pela multidimensionalidade e que para ser compreendido de forma adequada deve ser considerado na articulação entre as dimensões humana, técnica e político-social.

Para Madlai (2013, p.45) Na sua vertente humanista, destaca-se a relação interpessoal, a dimensão eminentemente subjectiva e emotiva do processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, a didáctica centrar-se-ia no processo de aquisição de atitudes como a empatia, a escuta activa ou a solidariedade, valorizando o crescimento pessoal, interpessoal e intergrupar. Ainda que esta seja uma perspectiva unilateral e reducionista, torna manifesta a componente relacional e afectiva que, impregnando toda a dinâmica do processo, de modo algum pode ser ignorada. A dimensão técnica perspectiva o processo de ensino-aprendizagem como

uma acção sistemática que visa organizar as condições facilitadoras da aprendizagem filosófica.

A sua atenção centra-se nos objectivos de aprendizagem, selecção de conteúdos, elaboração de dispositivos e estratégias de ensino e avaliação. Também esta componente se apresenta por si só como reducionista, podendo cair no tecnicismo ou no numa dimensão pedagógica "meramente instrumental". Todavia, a sua importância é essencial a uma adequada compreensão e mobilização do processo de ensino-aprendizagem (Madlai, 2013 p.45).

Ainda Madlai (2013, p.45) O domínio dos conteúdos, a aquisição de competências e a construção de estratégias que tornem viável a aprendizagem em cada situação concreta de ensino, constituem problemas fundamentais a toda a proposta pedagógica. A dimensão político-social contextualiza o processo de ensino aprendizagem. Este se desenvolve num tempo determinado, no seio de uma cultura específica, com pessoas concretas marcadas pela sua circunstância, mas também por todo um processo de socialização que lhes imprimiu determinados princípios e valores.

Para Tozzi (2013, p. 35) o processo de ensino-aprendizagem caracteriza-se na sua multidimensionalidade e cabe agora questionar se o elemento fulcral reside no carácter do ensino ou na dimensão da aprendizagem. No entanto, distingue-se claramente um professor guiado predominantemente pela lógica do ensino.

Ainda Tozzi (2013, p. 35) O ensinar identifica-se com o cuidado que é posto na preparação das aulas, devidamente organizadas e estruturadas, insistindo numa exposição clara e lógica dos conteúdos de modo a assegurar a sua compreensão por parte dos alunos. A leccionação é preparada cuidadosamente mas em função do que o professor pretende ensinar e lhe parece que irá ser recebido tal e qual pelos alunos.

1.3.6. O ensino da Filosofia numa lógica da aprendizagem

Madlai (2013, p.46) apresenta as finalidades do ensino da Filosofia, como:

- O exercício pessoal da razão, para o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica;
- A compreensão do carácter limitado e provisório dos saberes;

- A construção de uma cidadania activa, que se substantiva num pensamento ético-político-crítico, responsável e socialmente comprometido, contribuindo para a aquisição de competências dialógicas que predisponham à participação democrática;
- O aperfeiçoamento da análise crítica das convicções pessoais;
- A construção de um diálogo próprio com a realidade social em profundo processo de transformação.

Segundo Tozzi (2013, p.51) há também que seleccionar os princípios pedagógico-didácticos e metodológicos mais adequados à sua concretização. Quanto aos princípios pedagógicos-didácticos enunciados no programa da disciplina, reelege-se o princípio da autoconstrução cognitiva e o princípio das competências cognitivas, do desenvolvimento de destrezas intelectuais e competências instrumentais, naturalmente implicados num processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno.

Ainda Tozzi (2013, p.51) diz que há três princípios pedagógicos fundamentais:

1. Princípio da progressividade das aprendizagens que remete para o cuidado pedagógico com as competências a desenvolver, e daí a exigência de uma avaliação diagnóstica, e com os recursos documentais adequados.
2. Princípio da diferenciação de estratégias, necessário à diversidade dos objectivos propostos bem como a uma lógica da aprendizagem diferenciada, para dar resposta à heterogeneidade sócio-cultural e cognitiva entre os alunos
3. Princípio da diversidade de recursos que, em cada caso, devem ser adequados à diversidade de conteúdos programáticos e estratégias.

Por fim, o princípio segundo o qual todo o recurso deve proporcionar o trabalho filosófico que, por tanto, implica o desenvolvimento das competências básicas de conceptualização, problematização e argumentação. Há ainda que atender à idade e percurso escolar dos alunos.

1.4. Metodologia de ensino

Segundo Sousa, (2016, p.120) o sentido etimológico da palavra “método é o caminho para chegar a um fim” (methodus: meta=fim+hodus=caminho), trata-se das acções desenvolvidas por nós professores ou pedagogos para organizar as actividades de ensino dos alunos”. Citado por (Almeida, 2023).

Para Nivagara, (2018, p.153) "Método de ensino é um modo de conduzir a aprendizagem, buscando o desenvolvimento integral do educando, através de uma organização precisa de procedimentos que favoreçam a consecução dos propósitos estabelecidos".

De acordo Fonseca, (2016, p.45) “os métodos de ensino são as acções do professor por intermédio das suas atividades com os estudantes, procurando atingir os objetivos do trabalho docente considerando um conteúdo específico”.

Almeida (2023, p.5) entende, Métodos é um conjunto de acções articulados e coerentes de estratégias e técnicas que permitem chegar a uma meta pretendida.

1.4.1. O ensino da filosofia e suas perspectivas metodológicas

O processo de ensino/aprendizagem é complexo e exige a convergência de vários fatores. Assim também é o ensino de filosofia. Quando se trata do ensino de filosofia, diversas questões vêm à tona, como por exemplo: O que ensinar? Como ensinar? Porque ensinar? Para que ensinar? Estas questões devem ser abordadas tanto do ponto de vista pedagógico como do ponto de vista filosófico. Por isso, antes de decidir como ensinar filosofia, temos que investigar os pressupostos filosóficos das propostas pedagógicas que se deve adotar explicitando seus objetivos, conteúdos e estratégias que estão em jogo. Isto acontece porque a filosofia tem uma especificidade que implica uma determinada concepção de ensino. Cerletti (2009).

Hoje em dia tem ganhado bastante relevância a concepção de que o ensino de filosofia antes de ser um problema pedagógico, é um problema filosófico:

Na atualidade, começou-se a interpretar o ensino de filosofia como um campo complexo de problematização filosófica, com teorias e questões singulares estabelecidas com base na prática concreta de ensinar filosofia e da reflexão que a própria filosofia faz sobre o sentido e as condições de sua transmissão. Essa mudança de perspectiva serviu não somente para redefinir e enriquecer o espaço da “didática especial em filosofia”, mas

também possibilitou que a relação entre o ensino de filosofia e as diferentes disciplinas do campo da educação tivesse deixado de ser uma simples aplicação das segundas à primeira para converter-se em um importante âmbito de diálogo interdisciplinar (Cerletti, 2009, p. 90).

Outra questão que se impõe no processo de ensino/aprendizagem como um todo e, em particular, em filosofia é com relação ao papel do professor, pois, dependendo da perspectiva teórico-metodológica adotada, o papel do professor pode variar entre dois extremos, que vai desde o absoluto detentor e transmissor do conhecimento até o de simples facilitador do processo do filosofar. (Cotrim & Fernandes, 2017, p. 408).

Trindade (2021, p.24) diz que, Tratando dos enfoques pedagógicos, há basicamente três enfoques pedagógicos na prática do ensino a filosofia: o enfoque tradicional, o enfoque renovado e o enfoque síntese, que é a combinação dos dois anteriores.

O critério utilizado para a seleção dos conteúdos é a sua importância para a formação do caráter do estudante e do cidadão. Estes são abordados de forma histórico-cronológica, partindo dos pré-socráticos até os filósofos contemporâneos através das áreas temáticas. Dessa mesma forma são estruturados a maioria dos livros didáticos. As aulas tendem a ser expositivas e centradas no professor e os estudantes tomam nota (Cotrim & Fernandes, 2017, p. 405-406).

A relação professor e aluno é vertical, uma vez que o professor detentor do saber é a autoridade que dirige o processo de aprendizagem como modelo a ser seguido. A avaliação tende a ser por meio de provas escritas ou orais, com o objetivo de medir a assimilação dos conteúdos dados. (Cotrim & Fernandes, 2017, p. 405-406).

(Cotrim & Fernandes, 2017, p. 406-407) No enfoque renovado o objetivo de ensino da filosofia deve ser o de aprender a pensar filosoficamente. Nele o mais importante é a ação, o processo e não o produto (as teorias, os conceitos). O que se busca é o filosofar e não a filosofia, uma vez que esta deve surgir naturalmente, de modo que o aluno descubra o conceito em seu próprio processo e, assim, compreendê-lo e não apenas assimilá-lo ou memorizá-lo. Neste contexto ensina-se filosofia ensinando-se a filosofar.

O programa é centrado no processo do filosofar e não no conteúdo a fim de levar o aluno a desenvolver a atitude filosófica. Os temas podem passar pela tradição filosófica, mas devem ser priorizados os mais significativos ou próximos da realidade dos alunos. A abordagem é temática por oferecer a possibilidade de conexão com as vivências dos estudantes, permitindo que a reflexão seja disparada a partir das preocupações neles já operantes.

(Cotrim & Fernandes, 2017) O método usado é o dialógico, que parte de uma situação problema concreta que seja capaz de motivar os alunos e de suscitar neles o interesse pelos mais diversos pontos de vista e possíveis aprofundamentos. Desse modo, o centro do ato pedagógico deve ser o aluno e não o professor. Este tem a função de facilitar e estimular o processo de pensar, o filosofar dos alunos. Avaliação baseia-se na atitude e nas habilidades desenvolvidas e na participação do aluno nos debates tanto em termos qualitativos como quantitativos.

De acordo (Silva, 2021) o enfoque pedagógico é chamado de 'enfoque síntese' porque combina os dois anteriores aproveitando o que cada um tem de melhor, tanto pela filosofia como pelo filosofar, tanto pela compreensão e reconstrução de conceitos clássicos como ensinar/aprender a pensar de maneira reflexiva, crítica e aberta à pluralidade da perspectiva.

O programa deve ser estruturado em termo do conteúdo e conceitos com o propósito de ajudar os alunos a compreenderem os principais problemas da tradição filosófica, especialmente os mais significativos para sua faixa etária ou mais relevante para sua formação como cidadão. A abordagem do conteúdo deve ser estruturada de forma temática ou problemática, indo-se dos problemas aos conceitos ou diretamente aos autores, que forjam tais conceitos ou teorias, aprofundando-se então na história da filosofia.

Os conteúdos procedimentais, são aqueles voltados para o desenvolvimento das competências e habilidades englobadas no conceito de pensamento crítico ou filosófico, são abordados por meio de atividades que promovam a compreensão crítica do texto; comparação de conceitos ou teses filosóficas ou não e, adoção de uma posição fundamentada diante das teses propostas. Os conteúdos atitudinais são aqueles pertencentes ao universo socioafetivo, de promoção de uma atitude

mais aberta a distintos pontos de vista e de gosto pelo debate racional e democrático das ideias filosóficas (Silva, 2021).

A planificação deve ser adequada ao grupo de alunos a que se dirige e os objectivos de aprendizagem frequentemente revistos. Considere-se ainda que no processo do aprender a filosofar tem lugar uma avaliação de carácter predominantemente formativo. (Tozzi, 2013).

(Tozzi, 2013) sustenta-se aqui a implementação de modalidades de avaliação que permitam ao aluno a apropriação dos critérios de realização e correcção das tarefas que lhe são propostas. Igualmente importante é a clarificação dos objectivos de aprendizagem junto dos alunos. Eles devem saber de forma precisa o que se espera do seu desempenho, o que devem alcançar determinado momento do seu processo de formação.

Trindade (2021, p.27) Atualmente há certo consenso em torno da ideia de que o ensino de filosofia deve ser uma combinação de modelo tradicional e o renovado. Sendo assim, o papel do professor também expressa essa síntese, pois, sabemos que a tarefa educacional compreende o entrelaçamento dos processos de ensinar e aprender, uma vez que ao ensinar, transmitimos ao outro o nosso conhecer, o nosso ser e o nosso fazer e ao mesmo tempo, do aprender, nós extraímos e desenvolvemos, recebemos e reagimos ao que vem dos outros e de nós mesmos.

Esses processos de ensinar e aprender são complementares e indissociáveis. Isso implica dizer que tão importante quanto a transmissão de conhecimentos e experiências transmitidas pelo professor, é o desenvolvimento das competências e habilidades desejadas e potencializadas pelo próprio aluno. No ensino de filosofia, esse duplo processo de ensinar e aprender se expressa pelo diálogo, mediado pelo professor, enquanto filósofo-educador (Trindade 2021, p.27).

1.5. Metodologias de ensino na aula de filosofia

1.5.1. Métodos Do Mundo Antigo

1.5.1.1. O método de Sócrates: A maiêutica

Sócrates usava o método de perguntas e respostas, que consistia em ajudar as pessoas por mais ignorantes e incultas que fossem, a gerar dentro de suas mentes toda a sabedoria incubada não revelada anteriormente, criando ambiente favorável para que os indivíduos dessem a luz às suas idéias. Desse modo Sócrates era tido como um “parteiro”, ajudando no parto da manifestação da sabedoria mesmo do mais humilde escravo, por acreditar que a verdade é inata à mente humana, bastando para tanto fazer com que elas ponham tudo para fora (Brasil, 2017).

Tanto Sócrates, como Platão que foi seu discípulo, acreditavam que a verdade era inata a todos os homens que a conheciam em uma existência prévia. E assim que a pergunta de modo acertado é feita, a memória da pessoa é estimulada a evocar aquilo que já sabe. O método de perguntas e respostas é muito interessante em muitas ocasiões, como forma de conhecer-se a verdade contida em cada pessoa humana, contudo os conceitos de Sócrates são duramente criticados por filósofos contemporâneos, quanto às capacidades inatas do homem, principalmente por afirmar a sua preexistência. (Brasil, 2017).

Outro fator dentro deste método que é olhado com certa desconfiança é o fato de que quem pergunta poderá levar o perguntado a predispor a resposta, assim a sabedoria está com aquele que pergunta e não com aquele que é perguntado. A filosofia contemporânea acredita que a mente humana começa como uma tábua rasa, que com o decorrer dos anos vai somando ideias e experiências (Brasil, 2017).

1.5.1.2. O método de Zenão

Este método visa determinar a verdade ao reduzir posições alternativas ao absurdo. Segundo Silva (2021, p.23) este método começou com o ensino de Parmênides que afirmava que a realidade do universo era una e não múltipla. A partir desse pressuposto, Zenão procurou comprovar esta filosofia especulativa,

demonstrando que o conceito de realidade como sendo múltipla levava a contradições.

Assim, o método de Zenão se tornou de valor permanente para a filosofia, porque nenhuma posição que leva a contradição poderá ser considerada verdadeira. Logo, a lei da não contradição é um dos princípios fundamentais do pensamento lógico. Este método é útil em argumentos, pois se poderá assumir premissas de um oponente, e comprovar que são falsas por meio de reduzi-las a uma contradição. (Silva 2021, p.23).

1.5.1.3. O método de Aristóteles

Silva (2021, p.26) O método de Aristóteles consistia nas formas indutiva e dedutiva de raciocinar. O raciocínio dedutivo consiste em argumentar do geral para o particular. Por exemplo:

Todos os gatos

miam (premissa)

Mimi é um gato

(premissa) Logo,

Mimi mia

(conclusão)

Silva (2021, p.27) O raciocínio indutivo consiste em argumentar do particular para o geral. Exemplo:

Mimi mia (premissa)

Mimi é um gato (premissa)

Logo, todos os gatos miam. (conclusão)

1.5.2. Métodos do Mundo Moderno

1.5.2.1. O método indutivo

Silva (2021, p.34) O filósofo Francis Bacon derrubou o método dedutivo antigo para chegar-se à verdade científica, substituindo-o pelo método indutivo novo, que consistia mais na observação extensiva e experimentação sistemática. O raciocínio indutivo é mais característico do período moderno, em face de estar estritamente

associado com a metodologia científica, embora tenha sido bastante utilizado pelos filósofos antigos.

Silva (2021, p.37) os cânones de Indução de Mill está resumido pelas seguintes regras:

- **O Método da Concordância:** O único fator comum a todas as situações antecedentes onde ocorre um efeito é provavelmente a causa do efeito.
- **O Método da Diferença:** sempre que um efeito ocorre quando “A” está presente, mas não ocorre quando está ausente, então “A” é provavelmente a causa do efeito.
- **O Método Conjunto:** Combinar os dois primeiros métodos quando um método sozinho não dá um resultado específico.
- **O Método das Variações Concomitantes:** quando um fator antecedente varia concomitantemente com o fator conseqüente, então o primeiro é provavelmente a causa do segundo.

1.5.3. Métodos Contemporâneos

Trindade (2021, p.27) Existem três métodos que se destacam na busca da verdade no mundo contemporâneo: o existencialismo, a fenomenologia, e o método analítico.

1.5.3.1. O método existencial

O filósofo Kierkegaard é considerado o pai do existencialismo e ao aplicar o seu método existencial não nega o método científico objetivo para chegar-se a verdade, acreditando mais na verdade subjetiva, chegando a declarar que: “a verdade é a subjetividade”. Com isso não queria dizer que qualquer crença subjetiva é verdadeira, mas que a não ser que alguém acredite em alguma coisa de modo subjetivo e apaixonado, não possui a verdade. (Isabel, 2013).

Um dos aspectos mais valiosos da metodologia existencial está no equilíbrio corretivo que traz para a abordagem puramente científica à verdade. A verdade, especialmente a verdade religiosa, é pessoal. A vida é mais que meros objetivos; há sujeitos e pessoas. Algumas desvantagens deste método: leva facilmente ao subjetivismo. (Isabel, 2013).

(Isabel, 2013) O método fenomenológico: este método é uma tentativa de voltar a uma abordagem pré-teorética às consciências primárias da pessoa. Dar uma descrição puramente “neutra” da consciência que a pessoa tem do mundo, antes dela chegar a pensar acerca dele de modo reflexivo. É um método sem pressuposições que deixa os meros fatos da experiência primária da pessoa “falar por si mesmos”.

1.5.3.2. O método analítico

Segundo Oliveira (2019) as duas correntes principais da metodologia analítica contemporânea, estão relacionadas primariamente com a verificação ou confirmação e a outra com a elucidação:

- **O método da verificação:** a eliminação da metafísica no método da verificação é baseada no princípio de que para uma declaração fazer sentido, deve ser ou puramente definicional (analítica) ou, senão, verificável (sintética) por um ou mais dos cinco sentidos. Todas as demais declarações (éticas, teológicas e metafísicas) são contra-senso, ou sem sentido.
- **O método da elucidação:** Este método se baseia na crença de que enigmas filosóficos pudessem ser solucionados pela análise (elucidação) da linguagem. Logo, onde uma pergunta pode ser feita, também pode ser respondida, contudo nem todas as perguntas podem ser feitas de modo significativo. Em resumo a experiência é o tribunal de apelo que julga o significado. O sentido é determinado pelo modo como uma palavra é usada naquele contexto. Por uma análise da linguagem, pode-se elucidar o significado da linguagem conforme a intenção de seus usuários.

A elucidação, portanto, é um elemento-chave na busca da verdade, porque a ambigüidade leva a confusão. Por outro lado, as alegações quanto à verdade devem ser testadas ou confirmadas, pois há muitas alegações conflitantes quanto à verdade (Oliveira, 2019).

1.5.3.3. Método regressivo

O segundo caminho metodológico proposto por Gallo para o ensino de filosofia é o “método regressivo” que consiste na busca do problema que engendrou o conceito de um determinado filósofo. Ora, o filósofo cria conceitos quando escreve.

Porém, os textos filosóficos não revelam, de saída, os seus problemas, mas os conceitos criados para enfrentá-los. (Gallo, 2012, p. 11).

Seguem aqui, quatro pistas para a aplicação de um “método regressivo” no ensino de filosofia:

- escolher um texto de um filósofo;
- ler o texto com os alunos;
- evidenciar o conceito proposto pelo filósofo;
- investigar o problema que moveu o filósofo a criar o conceito.

No “método regressivo” o contato com o texto filosófico, a leitura do texto, a busca pelo conceito presente no texto e a investigação em torno do campo problemático são imprescindíveis. Este método, que parte do conceito criado, para evidenciar o problema que o motivou tem o potencial de evidenciar aos estudantes o processo do filosofar, de mostrar a concretude da filosofia e o movimento de pensamento do filósofo (Gallo, 2012, p. 114-115).

1.5.3.4. Método de Cinema

O cinema vem reforçar a busca de se estudar e pensar em uma metodologia de ensino de filosofia dialogada com a arte cinematográfica, pois através do cinema fazemos grandes encontros. Segundo Oliveira e Jardim (2019, p.25) cada vez que entramos numa sala de cinema, transportamo-nos para outro mundo: ala escura, a tela em branco, um foco de luz, a imagem em movimento harmonioso ou caótico.

Cada imagem, real ou fictícia, representa um quadro da existência humana, articulada ao tempo e ao espaço, a qual se desenvolve e se interconecta para gerar uma nova forma de linguagem, que leva todos os espectadores ao campo problemático do pensamento e, assim, o espectador não pode escapar dos afectos e da violência gerados pelas imagens cinematográfica.

Desse modo, o cinema, como objeto e campo de ensino-aprendizagem, pode ser lido e analisado na perspectiva do texto, o que implica ao estudante fazer uma análise descritiva do filme a respeito de elementos, tais quais o contexto social no qual foi feito, a estética/recepção, os problemas levantados pelos personagens, entre outros. (Napolitano, 2015, p.11).

Nesse sentido, trabalhar com “o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados” (Napolitano, 2015, p.11).

1.5.4. Estratégias metodológicas em sala de aulas de filosofia no ensino médio

Segundo (Brito e Cirino, 2021), o ensino de Filosofia permanece em constante debate a considerar a necessidade de repensar as práticas docentes sobre o ensino filosófico. Dentre os diversos desafios inserem-se a construção das estratégias metodológicas que sejam significativas aos estudantes do Ensino Médio e que articulem os conteúdos filosóficos propostos. na construção de metodologias para o ensino de filosofia que possam aproximar os/as estudantes da Educação ao exercício do ensino da Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

Os desafios metodológicos em salas de aulas de ensino de Filosofia no nível médio deve levar a construção de encaminhamentos e possibilidades metodológicas vivenciadas por estudantes em formação (Brito e Cirino, 2021).

1.6. A Importância do ensino da filosofia para os dias actuais

Segundo Gonçalves (2013 p. 2) o ensino da filosofia tem um papel importante no desenvolvimento intelectual do indivíduo, pois auxilia o indivíduo ao conhecimento, a sabedoria, a refletir e a ter um pensamento crítico e autônomo, tornando-nos capazes de ver o mundo e possibilitando a questionar criticamente a ação humana no mundo.

O ensino de filosofia é de suma relevância na formação do sujeito, pois esta pode produzir grandes resultados, causando amplas inquietações nos indivíduos e possibilitando discussões e debates que ampliarão o desenvolvimento crítico e intelectual do sujeito, contribuindo no exercício da cidadania. Correia (2013 p. 07) Sabe-se que a Filosofia era desprezada, mas “o problema do desprezo pela disciplina muitas vezes brota do entendimento de que com ela nada se pode fazer, enquanto a existência está aí, a pedir sentido, significado e direção”.

Nos dias atuais ainda ouve-se comentários de desdém com relação ao ensino de filosofia, tais como: Para que serve a Filosofia? A Filosofia dá dinheiro? Então

como ensinar Filosofia em uma sociedade que aparentemente está preocupada só com o capital e não com o saber intelectual e que vê-la como algo desnecessária? O que ensinar para que atraia de certo modo o interesse dessa juventude nas questões filosóficas (Correia, 2013 p. 07).

Filosofia no Ensino Médio precisam ser ampliadas, permitindo aos professores de Filosofia da escola o acesso a fóruns de discussão que tratam da organização da disciplina no Ensino Médio. Os professores de Filosofia, diante dessa nova realidade, além de pensar sobre o ensino de Filosofia, deverão refletir sobre outros problemas como a questão da formação específica, devido à carência de professores formados em Filosofia para atender a toda a rede de escolas, à manutenção dos cursos de Filosofia existentes, à abertura de novos cursos e, acima de tudo, à valorização e reconhecimento deste profissional Gonçalves (2013 p. 2).

Ainda Gonçalves(2013 p. 2) Cabe aos educadores de Filosofia pensar uma forma filosófica de ensinar, para que ela não vire algo banal, e brote nos alunos o amor pela disciplina, e os auxiliem a saírem desse mundo obscuro no qual se encontra em outras palavras “do mundo da caverna”, pois é a maneira de ensinar que vai sensibilizar os alunos e inquietá-los, o desejo de ir sempre à busca do saber, da verdade, da explicação lógica das coisas.

1.6.1. Importância da uma educação para os valores: o alcance formativo no ensino de Filosofia

Hora & Santos (2015, p.9) Desvalorizados por muitos por contraste com as realidades físicas, objectivas e a partir das quais se constroem elaboradas teorias, técnicas e ciências sem fim, cumpre resgatar os valores da dimensão do subjectivo e do relativo para onde têm sido remetidos. Impõe-se que cada professor pergunte a si próprio que tipo de cidadão e de sociedade quer ajudar a construir.

(Madaíl, 2013) A resposta a esta questão orientará a sua prática pedagógica. Os valores vinculam-se aos projectos pessoais, enquanto realidades enraizadas na cultura, subjazem à nossa vida e à procura de sentido para a nossa existência. Sendo que cada indivíduo se desenvolve num tempo e espaços determinados, o seu processo de educação vai sendo

marcado por contextos sociais e políticos que dão forma à sua interpretação da própria existência, do mundo e das relações com coisas e com os outros.

A reflexão de João Maria André sobre esta questão mostra que as transformações operadas na sociedade contemporânea têm condicionado também as nossas opções quanto às áreas de formação universitária, particularmente no se refere ao campo das Humanidades. E essa perspectiva está patente nas escolas. Por um lado, a sua importância é frequentemente minorada face ao domínio científico e técnico que se tem imposto de forma avassaladora e ao primado da área da economia nas propostas de resolução de problemas. Todavia, é preciso mostrar que “vale a pena investir numa formação humanística para fazer face ao mundo em mudança e às transformações (Madaíl, 2013).

A Filosofia, a par das restantes dimensões que compõem as Humanidades, propõe um paradigma assente na liberdade e capacidade criadora do homem. Sem minorar as conquistas da técnica e da ciência, algumas com repercussões extraordinárias na qualidade de vida que hoje usufruímos e também isso pode ser pensado, as aulas de Filosofia são lugar propício à valorização da individualidade do ser humano (Madaíl, 2013).

1.7. O Ensino de Filosofia na Contemporaneidade

Segundo Hora & Santos (2015, p.8) sabe-se que a filosofia contemporânea, do início do século XX em diante, provocou novas problematizações, como, por exemplo, “O que é lógica? O que é ética?”, bem como questões relativas á fenomenologia, existencialismo, triunfo da razão, do cientificismo e da técnica, importantes para o desenvolvimento e consolidação do regime capitalista no Ocidente e pelas disputas das grandes potências europeias por territórios, matérias-primas e mercados consumidores, momentos esses crucialmente marcados pela disseminação dos pensamentos de filósofos como Kant, Marx, Hegel, Nietzsche.

Ainda para Hora & Santos (2015) o fato é que o ensino de filosofia está em crise, o mundo está em crise de acordo com Arendt vivemos em um sistema educacional em crise; às crianças crescem privadas do seu espaço de liberdade, o

professor não está tendo seu devido espaço em sala de aula, as crença, os valores e as etnias se perdem. É evidente que as políticas educacionais contemporâneas privilegiam apenas os fatores internos da escola, negligenciando o entorno da mesma sendo que estas situações estão presentes no dia-a-dia, e que o aluno leva consigo.

Dessa forma jornais, revistas, internet e outros meio de comunicação nos mostram o quanto á educação está sendo desvalorizada. Isso parte de um simples contato com educação na escola, falta de professores preparados para dar aulas, o descaso com a disciplina e também da escola para com a disciplina, a falta de livros didáticos, a dificuldade dos alunos interpretarem um texto filosófico, ainda há relatos do próprio aluno que diz que a filosofia não tem importância o fato é que a Filosofia não está tendo seu devido espaço Hora & Santos (2015, p.8).

1.8. O Ensino de filofia no sistemas de ensino Angolano.

Com as reforma educativa o currículo do ensino primário e secundário sofreram alterações com o surgimento das disciplinas Estudo do Meio, Educação Moral e Cívica que ajudam o aluno a pensar na questão da ética e virtude.

O aluno tem o primeiro contacto com a disciplina de filosofia apartir da 4ª classe, com o enfoque na construção da dimensão ética do homem:

Quadro 1 Contacto com a disciplina de filosofia

Classe	Disciplina	Carga horaria
4ª classe	Estudo do Meio	3 Tempos por semana
5ª classe	Educação Moral e Cívica	3 tempos por semana
6ª classe	Educação Moral e Cívica	3 tempos por semana
7ª classe	Educação Moral e Cívica	3 tempos por semana
8ª classe	Educação Moral e Cívica	3 tempos por semana
9ª classe	Educação Moral e Cívica	2 tempos por semana
11ª classe	Filosofia	2 tempos por semana
12ªclasse	filosofia	2 tempos por semana

Fonte: Wanga (2012)

A Filosofia é a mais antiga das áreas do conhecimento. Seus estudos são base para praticamente todos os outros saberes.

Segundo Vila & Farias (2020) o ensino da filosofia objetiva em levar o aluno a construir conceitos e conseguir autonomia posteriormente. Contudo, há várias possibilidades pedagógicas acerca de como ensiná-la. Por muito tempo, se usou as metodologias tradicionais. Hoje, entretanto, as metodologias activas são uma excelente alternativa de se atingir tal objetivo, por usarem o protagonismo do aluno como o principal método de ensino.

Segundo Wanga, (2012, p. 41):

A filosofia em Angola, tendo adotado os critérios padronizados de informação científica, incorporou, junto com eles, o modo de discussão e triagem consensual empregado nas "ciências humanas". Isto é à primeira vista um progresso, mas tem por consequência levar o estudioso para cada vez mais longe da ascese interior e transformá-lo num trabalhador científico rotineiro, empregado numa atividade coletiva onde o que interessa é obter um resultado global no qual o nível de consciência e a perfeição da alma de cada participante não contam para absolutamente nada. É preciso alargar as competências filosóficas para além das fronteiras institucionais e profissionais estreitas onde alguns querem encurralá-las

Segundo Guido, Gallo e Kohan (2013) fizeram um grande levantamento para a produção do material didático do curso de Ensino de Filosofia no Ensino Médio, para a Universidade de Brasília. Eles concluíram que a Filosofia tem sido ensinada de três formas prioritariamente: (1) histórica, (2) temática e (3) problemática. A abordagem histórica da Filosofia é aquela que vem sendo utilizada há mais tempo nas academias e, por conseguinte, vem sendo utilizada na escola de ensino básico há mais tempo. Por esse viés, os saberes são organizados historicamente e apresentados aos alunos por meio de textos originais de seus autores, na sua maioria.

A atitude filosófica fica restrita ao texto clássico, pela qual se elimina uma série de determinações que são excluídas da apreciação da obra. O aluno é levado a compreender o sistema filosófico para extrair daí a sua verdade formal, com enfoque conteudista. A abordagem histórica calca-se no rigor metodológico e foi por muito tempo praticado por religiosos, chegando a uma “antropologia filosófica” (GUIDO, GALLO E KOHAN, 2013). Hoje em dia, a abordagem temática vem sendo utilizada como uma alternativa à histórica. Com o aumento das licenciaturas em Filosofia no país, bem como aproximação com outras academias estrangeiras, que

propiciam aos professores brasileiros valiosas trocas de práticas e métodos docentes. O professor pode organizar suas aulas por meio de textos dos próprios filósofos ou de comentadores, bem como uma série de apoios, como vídeos, músicas, textos literários, histórias em quadrinhos, imagens etc. (p. 120). É uma forma mais contextualizada de tratar a Filosofia, na qual o professor consegue optar por um ensino mais calcado na transmissão da tradição filosófica ou por um ensino que invista mais diretamente no trabalho do próprio estudante. É um ensino que se aproxima com as metodologias ativas de aprendizagem e que consegue, se bem aplicado, a levar o aluno a refletir sobre o tema estudado e formar o seu próprio conceito, fazendo com que a Filosofia comece com o próprio aluno. Há ainda, segundo os autores, a abordagem problemática, que parte do princípio de que o fazer filosófico é sempre produzido a partir de problemas, que levam e mobilizam os filósofos a criar seus próprios conceitos. O aluno era levado a responder perguntas à exaustão até conseguir formar os seus conceitos.

Essa abordagem foi utilizada no Uruguai, mas fracassou por tomar o problema como interrogação e não como dúvida (GUIDO, GALLO E KOHAN, 2013). Por fim, é importante ressaltar o papel do mestre de Filosofia. Independente da abordagem, ele deve ser alguém que emancipa o aluno, que faça com que a Filosofia comece com o estudante. Ninguém sabe tudo, mas os dois podem juntos construir saberes de modo com que o professor possa até ser superado

Quando se abrange o termo de ensinar para educação filosófica, como o faz entram em pauta métodos e processos de ensino, os quais têm seguido a tradição francesa secular. Porém, estamos falando de um novo século, em que a tecnologia é parte fundamental da vida de qualquer cidadão. Quando se volta a atenção para o nosso público-alvo, a geração Z, os métodos de ensino são mais importantes, visto que se trata de pessoas activas. Destarte, as contribuições do campo educacional, sobretudo a pedagogia informática e a educação empreendedora, são importantíssimas para se desenhar novos modelos de ensino.

CAPITULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 Tipo de Pesquisa

O presente trabalho tipifica-se como descritiva. Segundo Nunes (2021, p. 12), “a pesquisa descritiva, prevalece a observação, o registro, a análise e a interpretação dos fenômenos sem que haja interferência do pesquisador”.

Zassala (2017, p. 88), “reforça afirmando que a pesquisa descritiva é a investigação que procura determinar a natureza e o grau de condições existente.”

A escolha do tipo de pesquisa permitiu fazer a colecta de dados bem como a descrição das condições existentes, possibilitando assim a compreensão dos diversos factores e elementos que estão implícitos no fenómeno em estudo na escola do Liceu nº 379, município do Dande.

2.2. Modelo de Abordagens

Quanto ao modelo de abordagem, optamos por uma abordagem qualitativa–quantitativa.

Segundo Bogdan & Kiklem (2014, p. 90), abordagem qualitativa “é uma metodologia de investigação que dá ênfase à descrição, à indução à teoria fundamentada ao estudo das percepções pessoais.”

O foco da investigação qualitativa é a compreensão mais profunda dos problemas. Por consequente, a opção por uma pesquisa qualitativa deve-se à necessidade de fazermos uma análise dos discursos que resultaram das entrevistas que serão realizadas à amostra da presente pesquisa. De acordo com a perspectiva qualitativa no discurso da pesquisa como procedimento técnico a realização de uma estrutura semi-estruturada e análise de fontes documentais, e observação.

Castilho (2014, p. 121), diz que tudo pode “ser quantificável que significa traduzido em número, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las, requer o uso de recurso e técnicas estatísticas. “

Na visão de Nunes (2021, p. 111), afirma que “Abordagem quantitativa utiliza a colecta e análise de dados para responder às questões de pesquisa e testar as hipóteses estabelecidas no uso de estatística para estabelecer com exactidão os padrões de comportamento de uma população.”

Com abordagem quantitativa, conseguimos quantificar, clarificar e analisar, assim como testar as hipóteses traçadas a priori em relação ao nosso objecto de estudo.

2.3. Níveis de estruturação de métodos

No nível teórico os métodos foram estruturados como históricos e dedutivos:

Lakatos & Marconi (2017) “consiste em investigar os acontecimentos, processos e instruções do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje”.

Este método permitiu estudar o desenvolvimento histórico dos conceitos relativos ao uso dos fascículos e da evolução das metodologias de ensino ao longo do tempo.

Segundo Nunes (2021, p.11), “baseado no racionalismo. Sua explicação parte da análise de premissas particulares para construção de uma teoria geral”.

No nível estatístico- Matemático o método foi estruturado como estatístico descritivo ou dedutivo.

Segundo Vita (2018, P.21) “a estatística descritiva envolve organizar, resumir e apresentar os dados através de quadros, tabelas, gráficos e ou índices numéricos que possibilitem a sua interpretação”

Na visão de Catilho (2014, p.108), o estatístico- matemático, “é a redução de fenómeno sociológico, político, económicos a termos quantitativos e a manipulação estatística, que permite comprovar as relações dos fenómenos entre si.”

Método estatístico-matemático auxiliará-nos, a medir e comprovar os dados colectados na investigação de forma quantitativa e numérica, consequentemente apresentados em tabelas, gráficos e percentagens.

2.4. Técnica de recolha de dados

Para a recolha de informação da pesquisa e concepção dos objetivos previstos foi feito o uso do inquérito e a observação participante.

Para Nunes (2021, p.26) a observação participante “é uma técnica comumente utilizada, que permite ver, ouvir e registrar situações, fatos e fenómenos que acontecem em seu ambiente natural”

2.5. Instrumentos e procedimentos de recolhas de dados

Para a recolha de dados foi utilizado o formulário, o roteiro e a grelha de observação

Segundo Chemim, (2015, p. 120) o Formulário é “Instrumento de coleta de dados usado para se obter informações do entrevistado, sem intermediários, pelo qual o pesquisador anota suas respostas diretamente no instrumento. É também elaborado em forma de perguntas de formas variadas”. Difer-se do questionário pelo facto das respostas serem anotadas pelo pesquisador e não pelo participante.

A adopção desta metodologia deveu-se pelo facto de constarem da amostra individuos menores de 18 anos e com dificuldade de compreensão de determinadas terminologias usadas. Por outro lado, porque a pesquisa foi feita aproveitando os periodos de intervalo das aulas, e o formulário foi mais eficaz para garantir a conclusão das respistas por parte dos participantes.

Para Liane, (2013, p. 88) o roteiro é uma lista dos tópicos que o entrevistador deve seguir durante a entrevista, isso permite uma flexibilidade quanto a ordem ao propor as questões, originando uma variedade de respostas ou outras questões.

O roteiro foi utilizado para colher outras informações junto da direcção da escola que embora não fossem parte da população do estudo, por imperativo legal eram os elementos com autoridade para fornecer dados estatísticos sobre a escola, informações estas necessárias para contruir a amostragem e identificar outros padrões relevantes do estudo.

Segundo Guerra (2017, p.85), a Grelha de observação “é um instrumento que auxilia na execução da sua pesquisa por meio da observação do fenómeno estudado”. Para entender a metodologia utilizada e confirmar os dados das respostas dos alunos e professores foi necessário assistir algumas aulas.

2.4. População e Amostra

2.4.1. População

Para Silva e Menezes (2005), “considera que população é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características defendidas para um determinado estudo”.

Segundo Morisi (2003, p.56) “a população é um conjunto de indivíduos que ocupam um determinado espaço geográfico. “

O Liceu nº 379 lecciona os cursos de Ciências Econômicas e Jurídicas, Ciências Físicas e Biológicas, Ciências Humanas e tem 5 turmas do curso de Ciências Humanas dos quais as 5 contém a disciplina de Filosofia nos períodos de tarde e noite.

A população do nosso trabalho foi constituída (113) alunos (3) professores de Filosofia pertencentes no liceu nº 379, município do Dande- Bengo, no Iº semestre do ano lectivo 2024-2025.

2.4.2.Amostra

Tabela 1 População e Amostra da Pesquisa

Inqueridos	População Alvo	Amostra	Percentagem
a) Professores	3	3	100%
b) Alunos	113	45	39,8%
Total	116	48	40,6%

Fonte: Elaboração própria- População e Amostra da Pesquisa.

A população do estudo foi composta por 116 elementos dos quais 2,5% de professores e 97,5% de alunos do ensino secundário. Da população extraíu-se uma amostra de (48) elementos, destes (3) professores e (45) alunos.

A coelheita da amostra foi estartificada, sendo 100% dos professores da disciplina de filosofia, e 39,8% alunos das 11ª e 12ª classes do liceu nº 379, perfazendo uma amostra de 40,6%..

O critério de inclusão dos alunos no estudo foi estar matriculado numa turma com a disciplina de filosofia no currículo. O critério de inclusão no estudo foi lecionar

a cadeira de filosofia. Bem como a aceitação voluntária de participação do estudo para os 2 grupos amostrais.

Foram excluídos da amostra os alunos das turmas estudantes que não frequentavam a disciplina de filosofia (Alunos repetentes de outras disciplinas) e participantes que não responderam completamente os formulários.

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os materiais e métodos de investigação aplicada no desenvolvimento desta investigação, sobre a influência do uso de fascículo e metodologia de ensino na disciplina de Filosofia na aprendizagem dos alunos no liceu nº 379, município do Dande- Bengo, 1º semestre do ano lectivo 2024-2025.

3.1. Caracterização da amostra

A caracterização da amostra é uma etapa fundamental para compreender o perfil dos participantes deste estudo e garantir a validade e a generalização dos resultados. Nesta secção são apresentadas as principais características sociodemograficas, academicas e profissionais dos participantes do estudo.

Tabela 2 Caracterização da amostra por género

Variáveis	Professores	alunos	Frequência absoluta	Frequência relativa
a) Masculino	3	14	17	35%
b) Feminino		31	31	65%
Total	3	45	48	100%

Fonte: Autor

Gráfico 1 Caracterização da amostra por género



Fonte: Autor

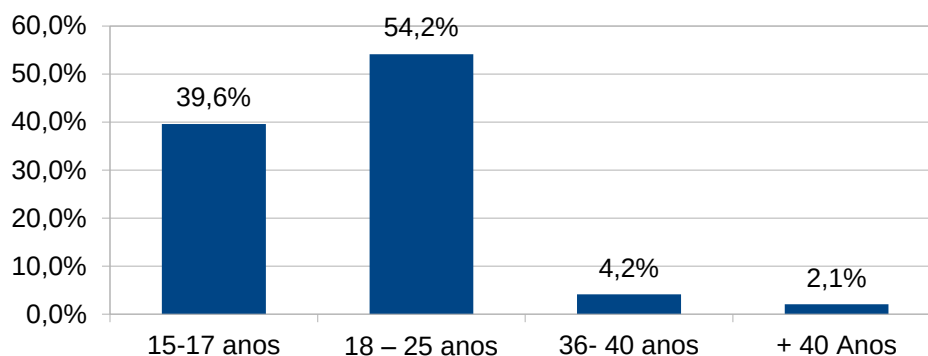
A amostra global do estudo foi constituída por 65% de mulheres e 35% de homens. A amostra estratificada do corpo docente foi composta 100% pelo sexo masculino e a dos alunos foi composto por 68,8% de mulheres. A maioria das mulheres no aglomerado de alunos é correspondente ao facto das mulheres serem as maiorias na frequência do ensino secundário nas escolas do país.

Tabela 3 Distribuição da amostra por idade

Variáveis	Professores	Alunos	Frequência absoluta	Frequência relativa
a) 15-17 anos		19	19	39,6%
b) 18 – 25 anos		26	26	54,2%
c) 26- 30 Anos				0%
d) 31 – 35 anos				0%
e) 36- 40 anos	2		2	4,2%
f) + 40 Anos	1		1	2,1%
Total	3	45	48	100%

Fonte: Autor

Gráfico 2 Distribuição da amostra por idade



Fonte: Autor

Os professores têm mais de 35 anos e os alunos menos de 27 anos de idade. Sendo que a diferença de idade entre professores e alunos varia entre 15 e 25 anos.

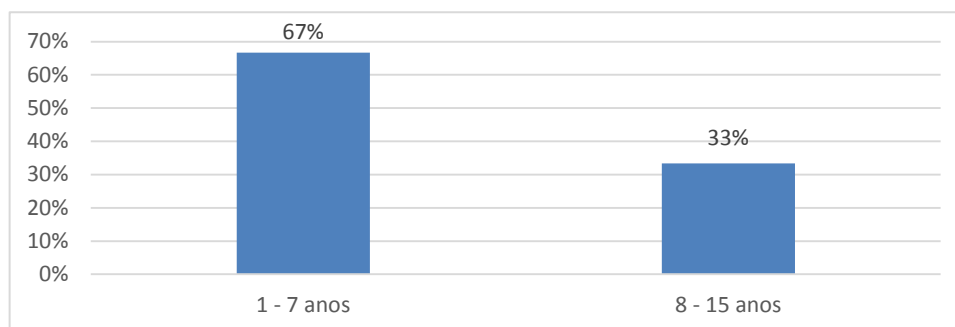
A faixa etária predominante de alunos maiores de 18 anos (54,2%) demonstra uma presença massiva de alunos que ingressaram tardiamente no susistema de ensino secundário, isto é após os 15 e 16 anos de idade.

Tabela 4 Tempo de serviço da amostra dos professores

Variáveis	Frequência absoluta	Frequência relativa
a) 1 - 7 anos	2	67%
b) 8 - 15 anos	1	33%
Total	3	100%

Fonte: Autor

Gráfico 3 Tempo de serviço da amostra dos professores



Fonte: Autor

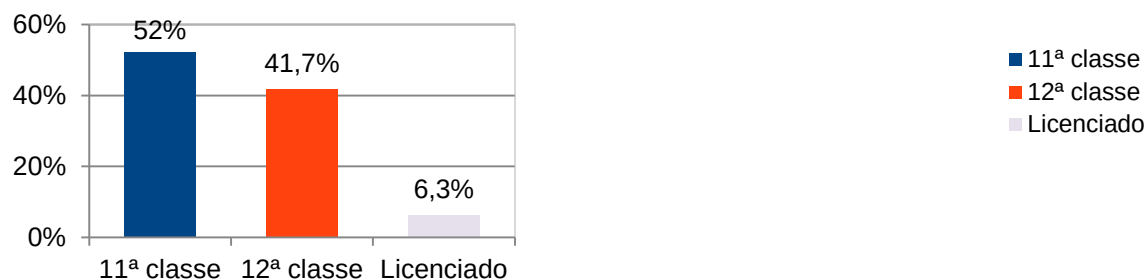
67% dos professores lecionam a menos de 7 anos e 33% a mais de 8 anos. O tempo de serviço tem grande influência nas escolhas metodológicas dos professores.

Tabela 5 Caracterização da amostra por Nível de formação

Variáveis	Frequência absoluta	Frequência relativa
a) 11ª classe	25	52%
b) 12ª classe	20	41,7%
c) Licenciado	3	6,3%
Total	48	100%

Fonte: Autor

Gráfico 4 Caracterização da amostra por Nível de formação



Fonte: Autor

Participaram do estudo 6,3% de licenciados e 93,7% de estudantes do ensino secundário, sendo 52% da 11ª classe e 41,7% da 12ª classe.

3.2. Os professores e o uso do fascículo em sala de aula

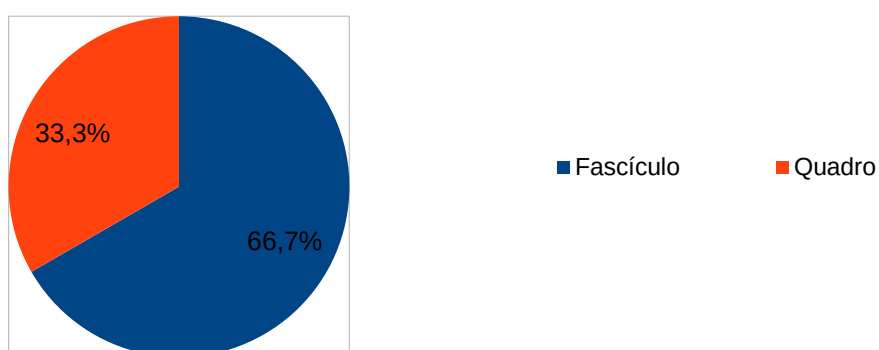
Nesta secção, são apresentadas e analisadas as percepções dos professores quanto à utilização do fascículo como recurso didático:

Tabela 6 Principal recurso usado em sala de aula para o ensino

Variáveis	Frequência	Porcentagem
a) Livro	0	0
b) Fascículo	2	66,7%
c) Quadro	1	33,3%
Total	3	100%

Fonte: Autor

Gráfico 5 Principal recurso usado em sala de aula para o ensino



Fonte: Autor

66,7% dos professores usam fascículo como principal recurso de ensino e 33,3% usam o quadro. Nenhum professor declarou o uso do livro.

Tabela 7 Modalidade do recurso utilizado pelo professor

Variáveis	Frequência	Percentagem
a) Livro Físico	0	0
b) Livro digital	0	0
c) Fascículo físico	2	66,7%
d) Fascículo digital	0	0
e) Resumo digital	0	0
f) Resumo manuscrito	1	33,3%
Total	3	100%

Fonte: Autor

Gráfico 6 Modalidade do recurso utilizado pelo professor



Fonte: Autor

O fascículo no formato físico constitui ainda principal modalidade de recurso utilizado pelos professores em sala de aula (66,7%) ao passo (33,3%) usam apontamentos no quadro.

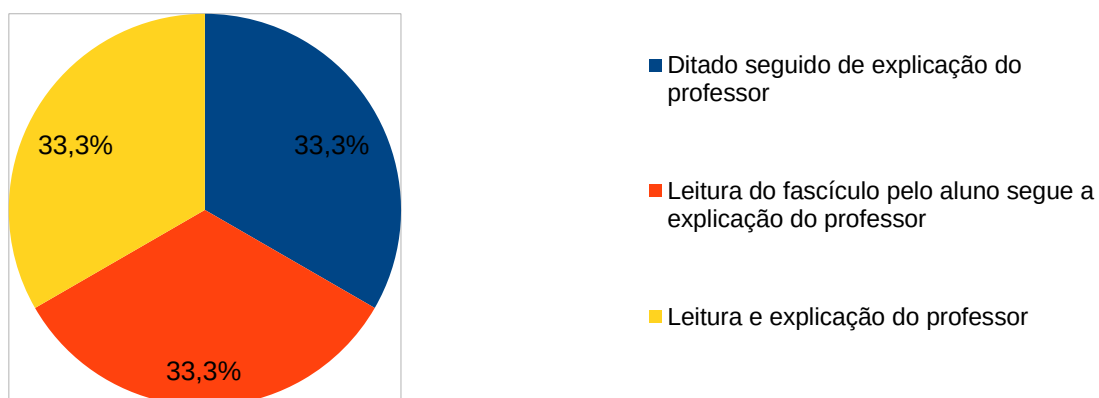
Os dados indicam que apesar dos avanços tecnológicos e da digitalização do ensino, os materiais físicos mantêm sua predominância, possivelmente devido à familiaridade dos docentes, à acessibilidade para os alunos e a estrutura tradicional do ambiente escolar.

Tabela 8 Principal metodologia adotada pelo professor

Variaveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
a) Ditado seguido de explicação do professor	1	33,3%
b) Leitura do fascículo pelo aluno segue a explicação do professor	1	33,3%
c) Leitura e explicação do professor	1	33,3%
d) Outro	0	0
Total	3	100%

Fonte: Autor

Gráfico 7 Principal metodologia adotada pelo professor



Fonte: Autor

Verificou-se um equilíbrio na metodologia adotada pelos professores, sendo que entre os professores que não usam fascículos (33,3%) ditado seguido da explicação do professor. E entre os que usam o fascículo variando entre leitura de fascículo seguido de explicação pelos alunos e explicação do professor (33,3%) e leitura do fascículo pelos alunos e explicação feita professor (33,3%).

A dependencia do fasciculo indica a necessidade de estrategias para diversificar as metodologias de ensino, incorporando novas tecnologias e recursos interativos. O uso do quadro indica que a exposição oralç e a escrita ainda são fundamentais no processo pedagogico, reforçando a necessidade de equilibrio entre métodos tradicionais e inovadores.

No entanto o uso do fasciculo está associado ao pouco uso do quadro, ao uso da exposição verbal seguida do metodo explicativo.

Tabela 9 Percpeção dos professores sobre a participação dos alunos nas aulas com o uso do fasciculo

Variaveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
a) Alguns	0	0
b) A maioria	1	33,3%
c) Todos	2	66,7%
d) Nenhum	0	0
Total	3	100%

Fonte: Autor

Gráfico 8 Percpeção dos professores sobre a participação dos alunos nas aulas com o uso do fasciculo



Fonte: Autor

A participação dos alunos é maior nas aulas com o uso dos fascículos. 67% dos professores declaram que o uso do fasciculo permite a participação de todos os alunos na aula e 33% consideram que a maioria participa.

A metodologia leitura feita pelo aluno seguida da explicação feita pelo professor a que mais promove a interação dos alunos E a melhoria da capacidade de leitura. A metodologia de ditado vem como vantagem a melhoria a habilidade de escrita.

Os dados indicam que uso de fascículo não deve eliminar a necessidade do uso do quadro pelo professor e do caderno pelos alunos. Pelo que, a metodologia deve incluir resumos, para garantir que as 3 capacidades essencias sejam desenvolvidas: Pensamento critico, leitura e escrita.

3.3. Percepção dos alunos sobre o uso do fascículo

Tabela 10 Tipo de fascículo utilizado pelos alunos

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequencia relativa
a) Físico	45	100%
b) Digital	0	0%
Total	45	100%

Fonte: Autor

Todos os alunos inqueridos (100%) declaram utilizar o fasciculo no formato físico.

Tabela 11 Percepção dos alunos sobre o tipo fascículo mais usado pelos professores.

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequencia relativa
a) Físico	30	67%
b) Digital	15	33 %
Total	45	100%

Fonte: Autor

Gráfico 9 Percepção dos alunos sobre o formato do fascículo mais usado pelos professores.



Fonte: Autor

67% dos alunos identificaram o uso do fasciculo no formato fisico pelos professores e 33% identificaram o uso ocasional do fasciculo em formato digital pelo telefone ou tablete pelos professores. Demonstrando uma certa inclusão do telefone na sala de aula.

Embora os professores exigem dos alunos o uso de fascículo físico, ocasionalmente os professores usam o telemovel ou tablete para aceder ao

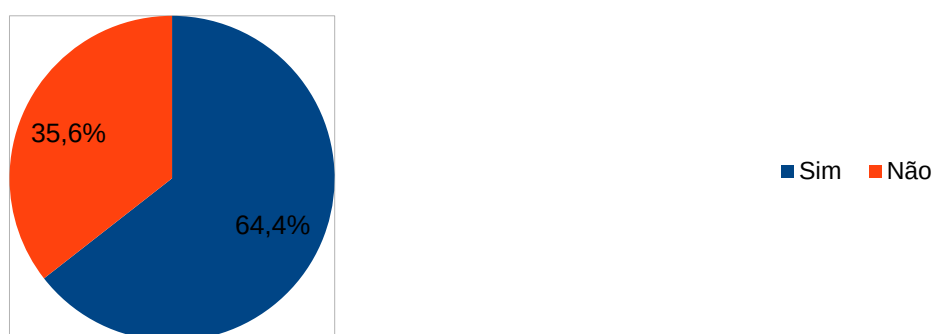
fascículo no formato digital em sala de aulas. Um indicativo de que muitas vezes os professores esquecem o material físico.

Tabela 12 Facilidade de aprendizagem com a metodologia adotada pelos professores

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequencia relativa
a) Sim	29	64,4%
b) Não	16	35,6%
Total	45	100%

Fonte: Autor.

Graáfico 10 Facilidade de aprendizagem com a metodologia adotada pelos professores



Fonte: Autor

Para 64,4% dos alunos a metodologia usada pelo professor facilita a compreensão aos passo que para 35,6% não. A distrubuição das resposta segue o mesmo padrão para os alunos com professor com uso do fasciculo e uso do quadro como principal recurso de ensino. Evidenciado a necessidade da diversificação dos metodos de ensino para impulsionar a aprendizagem em sala de aula., tendo encontra as diferentes características de aprendizagem dos alunos.

CONCLUSÕES

Em função dos resultados apresentados e interpretados na presente pesquisa, concluiu-se que: os objectivos preconizados foram satisfatoriamente alcançados, assim como as hipóteses em estudo foram confirmadas.

O fascículo é o principal recurso didático utilizado por 66,7% dos professores de Filosofia.

O principal formato do fascículo utilizado é o físico, sendo 100% para os alunos e variável para os professores.

O uso de fascículo influencia na metodologia do professor ao dar preponderância no método explicativo e de leitura individual ou coletivo dos alunos.

Apesar de ser vantajoso para a economia de tempo e estimular a participação dos alunos e a leitura, reduz o uso do quadro e o caderno, com efeito na capacidade de escrita dos alunos e défice na capacidade de síntese.

O défice de material escolar (livros) constitui o principal motivação para o uso dos fascículos por serem de fácil elaboração e baixo custo de produção.

SUGESTÕES

Relativamente ao estudo realizado sugere-se que:

- A Direção do Liceu nº 379, município do Dande- Bengo evidencie esforços junto dos órgãos municipais de gestão da educação para a aquisição de livros didáticos e promova formações contínuas e / ou jornadas pedagógicas aos Professores, sobre técnicas de manuseamentos de fascículos;
- Que os professores não utilizar em exclusivamente o fascículo como recurso de ensino;
- Ao utilizar fascículo como recurso principal na aula de Filosofia, sejam utilizados outros métodos activos que levam o aluno a ser um agente participativo na aprendizagem;
- Que os professores diversifiquem os as metodologias de ensino através da conjugação do fascículo, uso do quadro, dos caderno dos alunos e outros recurso didáticos.
- Que o Ministério da Educação forneça os livros didáticos as escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, T. (2023) Métodos de Aplicação da Avaliação de Aprendizagem no Ensino Primário. Monografia apresentado ao Instituto Superior de Angola (ISA) Icolo-Bengo- Angola.

ALMEIDA (2003) Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez.

AMORIM D.(2008) Reflexões críticas sobre os sistemas apostilados de ensino, 192 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara.

BOGDAM, R; e Kiklem. S (2014) investigação qualitativa em educação. 5ª Edição. Porto. Editora Alegre.

BRANDÃO. (2016). pesquisa participante. são paulo: Brasliesse.

BRASIL. (2017) Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/ CES . Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Filosofia, São Paulo.

BRITO & CIRINO (2021) Estratégias metodológicas em salas de aulas de filosofia no ensino médio, 1 ed-UERN-CAICO.

Camacho & Tavares. (2014). O Nosso Dicionário (1 ed.). Luanda, Angola: Platano Editora.

CASTILHO, A. P. (2014). Manual de Metodologia Científica . São Paulo: Itumbiara.

CRUZ, E. C. (2012). As Ciências Sociais em Angola: Resistência, conflito e perspectivas (1 ed.). Luanda: Cordesia.

CHEMIM, W. (2015). Pesquisa científica 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, sz

EURICO, H. P. (2019). Didáctica Geral: Subsídios Pontuais. Caxito- Bengo.

ENRIQUE., B. (2018). Introducción a la lingüística del texto. . Madrid Espasa: Calpe

FALKEMBACH, G. (2005) Concepção e desenvolvimento de material educativo digital. Novas tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, V.3, nº 1, p. 1-16.

FONSECA, J. J. (2016). Didática Geral 1ª ed. Brasil-Sobral: Inta

FONSECA, A. E VILELA (2013) Livros Didáticos e Apostilas: o currículo de matemática e a dualidade do ensino médio. 23 p. Artigo Científico. Bolema, Rio Claro - SP. Disponível em:< DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a05>>. Acessado em 29 mar. 2015.

GALLO, S.(2012) Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papirus.

GASPARELLO, A. M.(2006) Traduções, apostilas e livros didáticos: ofícios e saberes na construção das disciplinas escolares. In: Encontro Nacional de História, 12, 2006, Rio de Janeiro. Usos do passado. Rio de Janeiro.

GONÇALVES, R. A (2013) A Filosofia e seu Ensino no Nível Médio: Que Paradigmas a Seguir. Disponível em: <http://sites.unifra.br/LinkClick.aspx?fileticket=gSvTNSclIZQ=&tabid=55&mid=374>.

GUERRA, E. L. (2017). Manual pesquisa qualitativa. Brasília : Universitário UNA.

GUIDO, Humberto; GALLO, Silvio; KOHAN, Walter O. (2013) Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas. In: CARVALHO, Marcelo. CORNELLI, Gabriele (org.). Ensinar Filosofia. Volume 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, p. 105- 128.

LIANE, C. H. (2013). Metodologia de Pesquisa 2ª ed. Brasil: Florianópolis.

LIBÂNEO, J. C. (2013). Didática Geral 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez.

LUCENA, (2013) AulaNet: Ajudando Professores a Fazerem seu Dever de Casa. In: Seminário Integrado de Software e Hardware, 16, Rio de Janeiro.

MACHADO, J. P. (2013). Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Cuidado com a Língua (1 ed.). São Paulo: Marins Fonte.

MADAÍL, M.F (2013) A dimensão formativa da disciplina de filosofia metodologias e dispositivos didáticos- Relatório de Estágio apresentado a Universidade da Coimbra para obtenção de grau de Mestrado.

MARCONI, M. e Lakatos, E. (2017). Técnicas de Pesquisa 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas.

MARQUES, R. (2015) Dicionário Breve de Pedagogia (2 ed.). Brasil: Revista.

MORISI, E. (2003). Metodologia de Pesquisa 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas.

NAPOLITANO, M. (2015) Cinema: experiência cultural e escolar, Caderno de Cinema do Professor: dois. São Paulo: Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FD

NIVAGARA, D. D. (2018). Didáctica Geral: Aprender a Ensinar . Brasil: Anilda Ibrahim Khan E.

NUNES, M. S. (2021). Metodologia científica Universitária em 3 Tempos (2 ed.). São Paulo: UFS.

OLIVEIRA (2019) O cinema como metodologia para uma prática de ensino de filosofia- Montes Claros-Editora.

OLIVEIRA E JARDIM (2019) A imagem: história, análise e aplicação ao ensino da Filosofia. (Relatório de Estágio Pedagógico); Mestrado em Filosofia da Universidade da Beira Interior; Covilhã.

ROCHA, C. (2019). Dicionário de Língua Portuguesa (1 ed.). Porto.

SILVA (2021) Tendências no Ensino de Filosofia e suas influências no contexto do Ensino Médio, (1 ed) Editora Porto Alegre, RS-Portugal.

SOUSA, N. M. (2016). A função social da escola e suas práticas pedagógicas .1ª ed. Brasil- Curitiba: Editora Fabiana.

TAROUCO E TAMUSIUNAS (2013) Responsabilidade de objetos educacionais. Novas tecnologias da Educação, Faculdade de Educação UFRGS

TAVARES, A. C. (2013). O Nosso Dicionário (1 ed.). Luanda, Angola: PLATANO EDITORA.

TRINDADE (2021) O ensino de filosofia e a criação de conceito: uma proposta metodológica a partir das imagens do livro didático do ensino médio, PROFILO: EDITORA, São Luis MA.

TOZZI, D.(2013) Ensinar Filosofia: um livro para professores. São Paulo: Ed. Atta Mídia e Educação.

VALENTIM, J.C. (2013). Texto de Apoio: Didáctica. Caxito: Escola Superior Pedagógica do Bengo

VILA, I. L. F.; FARIAS JUNIOR, J. P. (2020) Metodologias Ativas no Ensino de Filosofia. Open Minds International Journal. São Paulo, vol. 1, n. 3: p. 74-88, Set, Out, Nov, Dez/2020. ISSN 2675-5157 DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v1i3.74>

VITA, Pedro (2018) Bioestatística: Tratamento de dados, q1ªEd. Editora: Mayamba Educação, Luanda,

WANGA, W.H,N (2012) Papel da Filosofia e dos filósofos na cidade de Luanda, ISCED de Luanda, Luanda.

WILLIAMS E TOLLET (2009) Web design para não-designers.2 Ed. Editora Ciência Moderna.

ZASSALA, C. (2017). Iniciação a Pesquisa Científica. 4ª ed. Luanda- Angola: Editora: Mayamba.